

CICLO DE CONFERÊNCIAS DO ISTA,  
«PAPA FRANCISCO:  
10 ANOS DE PONTIFICADO»

PAPA FRANCISCO  
UM PROFETA NOS NOSSOS DIAS  
Fr. José Nunes, op

FRANCISCO E A SINODALIDADE:  
A IGREJA É DE TODOS  
Teresa Messias

FRANCISCO E O LUGAR DA MULHER NA IGREJA  
Frei Bento Domingues, op

VIAGENS DO PAPA FRANCISCO  
António Marujo

FRANCISCO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO  
Cristina Costa Gomes, Joaquim Moreira  
Fr. José Nunes, op, Khalid Sacoor D. Jamal

«CONFERÊNCIAS DE ADVENTO  
SER PARÓQUIA NA TRADIÇÃO DOMINICANA»  
PAPA FRANCISCO: UMA PRAXIS DE ACOLHIMENTO  
Frei Junito Baptista, op

RECENSÃO,  
A TEOLOGIA FACE AOS DESAFIOS DE ÁFRICA HOJE  
Fr. José Nunes, op

...



Instituto São Tomás de Aquino

# CADERNOS

CADERNOS 

N.º 37 - 2024 - ANO XXIX

# CADERNOS



Instituto São Tomás de Aquino

PAPA FRANCISCO  
10 ANOS  
DE PONTIFICADO

N.º 37 - 2024 - ANO XXIX

# CADERNOS

## CICLO DE CONFERÊNCIAS DO ISTA, «PAPA FRANCISCO: 10 ANOS DE PONTIFICADO»

Papa Francisco um profeta nos nossos dias	7
FRANCISCO E A SINODALIDADE: A IGREJA É DE TODOS	17
FRANCISCO E O LUGAR DA MULHER NA IGREJA	37
VIAGENS DO PAPA FRANCISCO	47
FRANCISCO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	55

## «CONFERÊNCIAS DE ADVENTO SER PARÓQUIA NA TRADIÇÃO DOMINICANA»

PAPA FRANCISCO: UMA PRAXIS DE ACOLHIMENTO	73
-------------------------------------------	----

## RECENSÃO

A TEOLOGIA FACE AOS DESAFIOS DE ÁFRICA HOJE	87
---------------------------------------------	----

## CADERNOS ISTA

**Publicação:**  - Instituto São Tomás de Aquino  
Ordem dos Pregadores - Portugal

**Impressão:** Indugráfica, Lda. - Fátima

**Depósito legal:** 101412/96

**ISSN:** 0873-4585

**Direcção:** fr. Gonçalo Diniz, op

**Pedidos para:**

CADERNOS 

**Convento de S. Domingos**

Rua João de Freitas Branco, n.º 12

1500-359 Lisboa PORTUGAL

E-mail: [istaop@gmail.com](mailto:istaop@gmail.com)

Telefone: 217 228 370

[www.ista.pt](http://www.ista.pt)

## EDITORIAL

O ISTA – Instituto São Tomás de Aquino – enquanto obra dos Frades Pregadores ao serviço da reflexão teológica em Portugal, não se podia alhear da celebração dos dez anos de pontificado do Papa Francisco, que marcou o ano de 2023. Com esse propósito, o Instituto organizou um ciclo de conferências sob o tema geral, «Papa Francisco - 10 Anos de Pontificado», que se desenrolou no Convento de São Domingos de Lisboa, entre os dias 4 de Março e 3 de Junho do ano transacto. Para tal, contou com a colaboração generosa de vários conferencistas de renome no meio académico, pastoral e jornalístico do nosso país.

Este número dos *Cadernos ISTA* procede à publicação de algumas das principais intervenções havidas no referido ciclo de conferências: «Papa Francisco – Um profeta nos nossos dias» (Frei José Nunes); «Francisco e a sinodalidade. A Igreja é de todos» (Teresa Messias); «Francisco e o lugar da mulher na Igreja» (Frei Bento Domingues); «Viagens do Papa Francisco. Um mapa-mundo franciscano com as periferias no centro» (António Marujo); e, «Francisco e o Diálogo Inter-Religioso» (Cristina Costa Gomes, Joaquim Moreira, Frei José Nunes, Khalid Sacoor D. Jamal).

No âmbito destas celebrações, publica-se ainda uma conferência do Frei Junito Baptista, op, intitulada, «Papa Francisco: Uma praxis de acolhimento». Para além da temática do acolhimento, verdadeira pedra de toque no pontificado de Francisco, esta conferência insere-se no contexto desafiante do equilíbrio entre a promoção da espiritualidade dominicana e as dinâmicas pastorais próprias das paróquias diocesanas que se encontram atribuídas aos Dominicanos, quer em Angola quer em Portugal («Conferências de Advento - Ser Paróquia na Tradição Dominicana», Paróquia de São Domingos de Benfica, Lisboa).

Por fim, apresenta-se uma recensão do livro «A Teologia face aos desafios de África hoje», publicado em 2022, que reúne uma série de reflexões oriundas da 'Semana Teológica Internacional de Luanda', que teve lugar em Fevereiro de 2017, um encontro a todos os títulos notável, não só pelo número de teólogos que reuniu, como pelo impacto que teve na promoção e aprofundamento da cultura teológica no continente africano.

Este novo número da revista coincide, felizmente, com o ano jubilar dos 750 anos da morte de São Tomás de Aquino (1274-2024), nosso patrono. Em vista desta efeméride, o ISTA já está a preparar, para este ano de 2024, novas sessões comemorativas e conferências sobre o pensamento, ainda tão fecundo, de São Tomás. Esperamos publicá-las no próximo número dos *Cadernos ISTA*.

Que a vida e a obra de São Tomás continuem a ser um farol agregador para todos quantos partilham a espiritualidade dominicana.

*Frei Gonçalo Pereira Diniz, op  
ISTA*

**CICLO DE CONFERÊNCIAS  
DO ISTA,  
«PAPA FRANCISCO:  
10 ANOS DE PONTIFICADO»  
4 DE MARÇO - 3 DE JUNHO DE 2023  
CONVENTO DE SÃO DOMINGOS  
DE LISBOA**

## PAPA FRANCISCO UM PROFETA NOS NOSSOS DIAS

*Fr. José Nunes, op*

Não são poucas as vozes, vindas dos mais diversos quadrantes, que consideram ser o Papa Francisco a grande (e praticamente única) referência ética e autoridade moral nos dias de hoje<sup>1</sup>. Se num passado relativamente recente poderíamos apontar figuras humanisticamente emblemáticas como Gandhi, Luther King, Teresa de Calcutá ou Nelson Mandela, o mundo e a igreja de hoje olham para Francisco e reconhecem nele e esperam dele esse exemplo profético e entusiasmo estimulante na construção de uma vida mais ao gosto de Deus e do Homem. De facto, Francisco, num mundo muitas vezes carente de valores e de líderes, é importante referência e autoridade, um perfeito humanista e profeta (luz no presente, olhando o futuro) e, por isso, respeitado em propostas/iniciativas diplomáticas (por exemplo entre Cuba-EUA, 2015 ou para o Sudão do Sul, 2019) e ambientais (por exemplo, a cimeira de Paris, em 2015, que se realizou após a extraordinária Encíclica *Laudato Si*).

Destacarei aqui, entre outros aspectos possíveis de elencar, algumas notas do olhar do papa Francisco sobre o mundo e sobre a igreja. No primeiro dos casos, a situação dos migrantes e refugiados, a denúncia de uma «economia que mata», uma visão ecológica e o olhar sobre as outras religiões; no segundo caso, a necessária purificação da Igreja (com a reforma da cúria romana e a humildade dos cardeais e ministros da igreja, a denúncia dos abusos, a sinodalidade, o ecumenismo), o fazer-se eco da voz

---

<sup>1</sup> Este texto resulta de uma revisão e actualização de um outro, publicado in *Roteiros*, n.º 10 (2016), pp.233-237.

das mulheres, a importância da misericórdia – a qual respeita as consciências pessoais.

Além disso, creio ser justo e importante destacar, em toda a postura e acção deste pontificado:

- a) Um critério e uma perspectiva em todas as palavras e acções: olhar a Igreja e o Mundo sempre a partir dos seres humanos da ‘periferia’;
- b) um *estilo* e uma *temática* sempre presentes: a alegria e alegria na misericórdia (Rom 12,8; MV 16). *Alegria* que é um tópico importante do Sínodo dos bispos sobre a nova evangelização (2012) e está na origem da *Alegria do Evangelho* (Evangelii gaudium, 2013), *Alegria do Amor* (Amoris laetitia, 2016), *Alegria da verdade* (Veritatis gaudium, 2017). Alegria que é reveladora de um Deus de bondade, desejoso da alegria, festa e vida abundante para todos.

## O OLHAR SOBRE O MUNDO

### 1. ALERTA SOBRE OS MIGRANTES E REFUGIADOS

Um dos primeiros gestos e discursos do Papa Francisco aconteceram pouco tempo depois do início do seu pontificado. Deslocando-se a Lampedusa, o papa chamou a atenção para a realidade dramática dos migrantes e refugiados que morriam continuamente no Mar Mediterrâneo. Se é verdade que a partir de aí todo o mundo conhece e se refere a tal realidade, a verdade é que ela era já de grandeza significativa naquela data, e foi o papa que ergueu a voz para a denunciar. Na sua homilia, referiu-se aos naufrágios no mediterrâneo da seguinte forma: «Penso na palavra vergonha. É uma vergonha»; «Tende a coragem de acolher aqueles que procuram uma vida melhor»; «Perdemos o sentido da responsabilidade fraterna e esquecemo-nos de como chorar os mortos no mar (...) Ninguém chora estes mortos»; e fez a denúncia dos “traficantes” (que “exploram a pobreza dos outros”) e da “globalização da indiferença”.

## 2. DENÚNCIA DE UMA ECONOMIA QUE MATA

Entre inúmeros pronunciamentos e em variadíssimas circunstâncias e ocasiões, destaco aqui algumas afirmações do primeiro grande texto de Francisco – a Exortação pós-sinodal *Evangelii Gaudium* (de 24-11-2013):

- Apelo aos políticos: «O dinheiro deve servir, e não governar! O Papa ama a todos, ricos e pobres, mas tem a obrigação, em nome de Cristo, de lembrar que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los. Exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano» (EG 58).
- Apelo aos ricos: partilhem a sua fortuna: «Tal como o mandamento ‘Não matarás’ impõe um limite claro para defender o valor da vida humana, hoje também temos de dizer ‘Tu não’ a uma economia de exclusão e desigualdade. Esta economia mata» (EG 53).
- «Instaura-se uma nova tirania invisível, às vezes virtual, que impõe, de forma unilateral e implacável, as suas leis e as suas regras (EG 56); O sistema social e económico é injusto na sua raiz (...) É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual não podemos esperar um futuro melhor (EG 59); Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado (EG 204)».

E impossível também esquecer esta fortíssima afirmação na recente visita à República Democrática do Congo (31-1-2023), denunciando o «colonialismo económico»: «Tirem as mãos de África! Parem de sufocar África: não é uma mina a ser explorada, nem uma terra a ser saqueada».

## 3. UMA VISÃO ECOLÓGICA

Apresento aqui algumas referências da primeira Encíclica do papa Francisco *LAUDATO SI’, MI’ SIGNORE/Louvado sejas, meu Senhor, SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM* (de 24-5-2015):

- Sobre o que está a acontecer à nossa casa comum: Poluição, resíduos perigosos, cultura do descartável (LS 20-26); Água: os recursos são limitados e os pobres são os que mais sofrem (morte, doenças) com a falta de água ou a sua pouca qualidade (LS 27-31); Perda da biodiversidade: florestas que desaparecem, espécies animais que se extinguem (LS 32-42); Deterioração da qualidade de vida humana e degradação social: crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades, exclusão social, desigualdade no fornecimento e consumo de energia, aumento de violência, agressividade social, narcotráfico, perda de identidade (LS 44-46); Desigualdade planetária: «Tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres» (LS 48).
- E a partir daí, alguma reflexão e proposta: «Estas situações provocam os gemidos da irmã Terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo. Nunca maltratámos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. Mas somos chamados a tornar-nos os instrumentos de Deus Pai para que o nosso planeta seja o que Ele sonhou ao criá-lo e corresponda ao seu projecto de paz, beleza e plenitude» (LS 53); «Preocupa a fraqueza da reacção política internacional. A submissão da política à tecnologia e à finança demonstra-se na falência das cimeiras mundiais sobre o meio ambiente. Há demasiados interesses particulares e, com muita facilidade, o interesse económico chega a prevalecer sobre o bem comum e manipular a informação para não ver afectados os seus projectos» (LS 54).

#### 4. SOBRE AS OUTRAS RELIGIÕES

Mantendo-se bem na linha das últimas declarações do magistério sobre a importância decisiva do diálogo inter-religioso, relembrem-se aqui algumas das afirmações do Papa Francisco:

- «Muitos pensam de modo diferente, sentem de modo diferente, procuram Deus ou encontram Deus de muitos modos. Nesta multidão, nesta variedade de religiões, só há uma certeza que temos para todos: somos todos filhos de Deus» (Jan.2016, Centro Televisivo do Vaticano).
- «Todos os crentes, de todas as religiões, juntos podemos adorar ao Criador por nos ter dado o jardim que é esse mundo» (Audiência 28-10-2015, Praça S.Pedro).
- «Não se pode fazer a guerra em nome da religião, de Deus: é uma blasfémia, é satânico (...) O fenómeno religioso é transcendente e tem a ver com a verdade, a beleza, a bondade e a unidade. Sem esta abertura, se não há transcendência, não há verdadeira religião» (Entrevista à Civiltà Cattolica, 28-10-2016).

Além disso, em quase todas as suas viagens apostólicas, o Papa Francisco tem tomado atitudes e feito afirmações verdadeiramente radicais na defesa intransigente de um diálogo inter-religioso. A título de exemplo, lembro aqui, sobre o diálogo com o islão:

- a visita e homilia numa Mesquita, em Bangui, (República Centro-Africana, 30-11-2015): «Cristãos e muçulmanos são irmãos e irmãs», juntos devem repudiar «o ódio, a vingança e a violência, particularmente aquela que é feita em nome de uma religião ou do próprio Deus»;
- o encontro, no dia 4 de Fevereiro de 2019, no Founder's Memorial, em Abu Dhabi (Emirados Árabes Unidos), entre o Papa Francisco e o Grande Imã da Mesquita de Al-Azhar (Cairo-Egipto), Ahmed Mohamed El-Tayeb, considerado como a autoridade máxima no mundo muçulmano sunita, onde assinaram o *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*, onde se lê: «A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo

o universo, apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres (...) De tais fraternas e sinceras acareações que tivemos e do encontro cheio de esperança num futuro luminoso para todos os seres humanos, nasceu a ideia deste “Documento sobre a Fraternidade Humana”. Um documento pensado com sinceridade e seriedade para ser uma declaração conjunta de boas e leais vontades, capaz de convidar todas as pessoas, que trazem no coração a fé em Deus e a fé na fraternidade humana, a unirem-se e trabalharem em conjunto, de modo que tal documento se torne, para as novas gerações, um guia rumo à cultura do respeito mútuo, na compreensão da grande graça divina que torna irmãos todos os seres humanos».

\* \* \*

Talvez pudéssemos sintetizar todos este olhar sobre o mundo com esta afirmação de Francisco: «Quem governa então? O dinheiro. Como governa? Com o chicote do medo, da desigualdade, da violência económica, social, cultural e militar que gera sempre mais violência em uma espiral descendente que parece não acabar nunca. Quanta dor, quanto medo! Há - eu disse recentemente -, há um terrorismo de base que emana do controle global do dinheiro sobre a terra e ameaça toda a humanidade. Deste terrorismo de base se alimentam os terrorismos derivados, como o narcoterrorismo, o terrorismo de Estado e aquele que alguns erroneamente chamam de terrorismo étnico ou religioso» (discurso do Papa aos Movimentos Populares, 5 Nov. 2016).

E, daí, a necessidade de construir um mundo novo, baseado na fraternidade, tema amplamente desenvolvido na Carta Encíclica Fratelli Tutti, sobre a Fraternidade e Amizade social (Outubro 2020), onde se lê, logo na Introdução: «FRATELLI TUTTI: escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço (...) Com poucas e simples

palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, ou do lugar onde cada uma nasceu ou habita» (n.º 1); «As questões relacionadas com a fraternidade e a amizade social sempre estiveram entre as minhas preocupações» (n.º 5); «Não pretendo resumir a doutrina sobre o amor fraterno, mas deter-me na sua dimensão universal, na sua abertura a todos» (n.º 6); «Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade» (n.º 8).

## O OLHAR SOBRE A IGREJA

### 1. A PURIFICAÇÃO DA IGREJA

a) A reforma da cúria romana e a humildade dos cardeais e ministros da Igreja

A necessidade de uma conversão de todas as estruturas, serviços e pessoas na Igreja, em vista de maior verdade evangélica e da sua maior credibilidade, estão bem vincadas desde o começo do pontificado de Francisco. Eis alguns exemplos dessa sua intenção e profecia:

- «Dado que sou chamado a viver aquilo que peço aos outros, devo pensar também numa conversão do papado. Compete-me, como Bispo de Roma, permanecer aberto às sugestões tendentes a um exercício do meu ministério que o torne mais fiel ao significado que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades actuais da evangelização (...) Também o papado e as estruturas centrais da Igreja universal precisam de ouvir este apelo a uma conversão pastoral» (EG 32).
- «A Cúria romana é a lepra do papado» (Entrevista concedida ao jornal *La Repubblica*, 1-10-2013).
- «A reforma não é o fim em si mesma, mas um meio para dar um forte testemunho cristão; para favorecer uma evangelização mais eficaz; para promover um espírito ecumênico mais fecundo; e para encorajar um diálogo mais construtivo com todos» (Discurso ao Consistório, 12-2-2015).

– «O Senhor, por meio da Igreja, te chama uma vez mais a servir; e a ti fará bem ao coração repetir na oração a expressão que Jesus sugeriu aos seus discípulos para que se mantivessem na humildade. Digam: ‘Somos servos inúteis’, e isso não como fórmula de boa educação mas como verdade depois do trabalho ‘quando fizerdes tudo o que vos foi mandado’ (Luc 17, 10). Manter-se com humildade no serviço não é fácil quando se considera o cardinalato como um prêmio, como o ápice de uma carreira, uma dignidade de poder ou de distinção superior. É necessário, desde já, o teu compromisso cotidiano para manter afastadas estas considerações e, sobretudo, para recordar que ser Cardeal significa servir na Diocese de Roma para lhe dar testemunho da Ressurreição do Senhor e dá-lo totalmente, até o sangue, se necessário. Muitos ficarão felizes por esta tua nova vocação e, como bons cristãos, farão festa (porque é característica do cristão alegrar-se e saber festejar). Aceita-o com humildade. Faz com que, nestes festejos, não se insinue o espírito da mundanidade que embriaga mais do que grapa (aguardente) em jejum, desorienta e separa da cruz de Cristo» (*Carta Aberta do papa Francisco aos novos Cardeais*, 23-1-2015).

b) A denúncia dos abusos

Se é verdade que esta terrível realidade dos abusos na Igreja já vem de longa data, não é menos verdade que tem sido essencialmente neste pontificado que ela tem sido mais exposta e denunciada. E o Papa Francisco tem sido muito humilde e corajoso sobre o tema. Lembro aqui duas recentes afirmações suas, bem significativas:

– «Quando falamos de abuso, eu diria que, primeiro, é preciso ter uma visão de conjunto; segundo, procurar que não se escondam as coisas, porque nalguns sectores, como na família, tende-se a ocultar; e, terceiro, agarremos [Igreja] na percentagem que nos diz respeito e vamos ao combate» (...) «O abuso é uma coisa destrutiva. Humanamente diabólica. Porque nas famílias não há celibato e também ocorre. Portanto, é simplesmente a monstruosidade de um homem

ou de uma mulher da Igreja, que está doente em termos psicológicos ou é malvado e usa a sua posição para sua satisfação pessoal. É diabólico» (4-9-2022);

– «Sobre o tema dos abusos, a Igreja está determinada. Estamos a trabalhar arduamente, mas é certo que há pessoas dentro da Igreja que ainda não estão a ver claro (...) É um processo que implica coragem e nem todos a têm. Mas a vontade da Igreja é a de esclarecer tudo (...) Os abusos praticados por sacerdotes são contra a própria natureza sacerdotal e também contra a própria natureza social. Por isso, é uma coisa trágica e não devemos parar» (8-11-2022).

c) O ecumenismo

Lembro aqui, meramente como exemplo, a marcante viagem à Suécia (2016) – país maioritariamente luterano – e a recente viagem ao Sudão do Sul (2023), acompanhado do Moderador da Assembleia Geral da Igreja da Escócia.

d) A sinodalidade

Também aqui, e porque é temática muito do momento presente, destaco apenas o maior sinal que se pode dar em defesa da sinodalidade, ou seja, do caminhar juntos em Igreja: a convocação e empenho num Sínodo sobre a própria sinodalidade (2021-2024), para que, superando-se todo o clericalismo, se cumpra: «O que a todos diz respeito, por todos deve ser decidido!».

## 2. ECO DA VOZ DAS MULHERES

Já na *Evangelii Gaudium*, primeira Exortação Apostólica de Francisco (2013), o Papa afirmara claramente: «A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens (...) Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Porque “o génio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho” e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais» (EG 103).

Nesta linha, e para concretizar aquela intenção atrás enunciada, recordemos 3 importantes iniciativas do Papa Francisco:

- Instituição de uma Comissão de estudo sobre o diaconado das mulheres (2-8-2016, renovada em 8-4-2020)
- Nomeação de seis mulheres para supervisionar as finanças do Vaticano (6-8-2020)
- Nomeação de três mulheres para o Dicastério dos Bispos (13-7-2022)

### 3. IMPORTÂNCIA DA MISERICÓRDIA QUE RESPEITA AS CONSCIÊNCIAS PESSOAIS

- O Papa Francisco tem insistido muito na imprescindível misericórdia e prudência dos pastores da Igreja no acolhimento, escuta e aconselhamento de todas as pessoas que vivem realidades familiares consideradas *irregulares*.

A recente Exortação pós-sinodal *Amoris Laetitia* (de 16-3-2016), sobre a família, é particularmente incisiva nesse particular. Sem negar que as normas canônicas gerais têm a sua importância e se justificam porque enunciam os verdadeiros princípios, também não deixa de ser verdade que qualquer norma nunca poderá esquecer as circunstâncias concretas das pessoas a quem se referem e a própria consciência de quem é chamado a agir moralmente. «Por isso, um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais àqueles que vivem em situações «irregulares», como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas» (AL 305).

- E, claro, o princípio ‘misericórdia’ sempre presente: «Seja a misericórdia a guiar os nossos passos, a inspirar as nossas reformas, a iluminar as nossas decisões; seja ela a coluna sustentáculo do nosso agir; seja ela a ensinar-nos quando devemos avançar e quando devemos recuar um passo; seja ela a fazer-nos ler a pequenez das nossas acções no grande projecto de salvação de Deus e na majestade misteriosa da sua obra» (papa Francisco, *Discurso à Cúria Romana, 21-12-2015*)

## FRANCISCO E A SINODALIDADE: A IGREJA É DE TODOS

*Teresa Messias*

### INTRODUÇÃO

Quando, no dia 13 de março de 2013, o recém-eleito Papa Francisco surgiu na varanda sobre a Praça de S. Pedro para saudar os fiéis aí reunidos, imediatamente se percebeu que inaugurava um modo novo de se entender e agir, enquanto Bispo de Roma e Papa, na e com a Igreja como comunidade universal e inclusiva.

“[...] Rezemos por nós, uns pelos outros, pelo mundo, para que sejamos uma grande fraternidade. Desejo que este caminho de Igreja que hoje começamos, e no qual me ajudará o meu Cardeal Vigário, aqui presente, seja frutuoso para a evangelização desta bela cidade. Agora, queria dar a bênção mas antes, antes, peço-lhes um favor: antes que o Bispo abençoe o Povo, peço que vós peçais ao Senhor que me abençoe, a oração do povo pedindo a bênção para o seu Bispo. Façamos em silêncio esta oração de vós sobre mim.”<sup>1</sup>

Em seguida, baixando a cabeça, Francisco dispôs-se a ser o recetor da oração do Povo de Deus, reunido na Praça de S. Pedro, como ato primeiro e fundacional, antes de exercer o primeiro serviço enquanto Papa que seria abençoar a Igreja em nome de Deus. Este gesto inaugural ilustrava, de modo prático, uma conceção de dinâmica sinodal eclesial que os dez anos de ministério papal de Francisco têm implementado e trazido para consciência teológica e pastoral da Igreja, imprimindo-lhe um fluxo de renovação espiritual

<sup>1</sup> É possível rever este momento consultando: <https://youtu.be/ecohtwalvCE>

e estrutural assinalável que alguns autores têm comparado a uma “primavera”<sup>2</sup>.

Apenas dois anos depois de eleito, em 17 de Outubro de 2015, ao celebrar os 50 anos do estabelecimento do Sínodo dos Bispos para a Igreja Universal ereto por Paulo VI<sup>3</sup>, Francisco afirmava o valor que, desde o início do seu pontificado, conferia à dimensão sinodal da Igreja afirmando: “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milénio.”<sup>4</sup> Porém, realista e pragmático, acrescentou: “Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra ‘sínodo’. Caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática.”<sup>5</sup>

Com efeito, sabemos que viver a sinodalidade não é fácil, mas este Papa está determinado a mostrar, mais pela prática e compromisso pastoral do que por densas, ainda que interessantes, reflexões teológicas, que tal caminho não só é possível, como constitui um meio de conversão à dinâmica essencial da *ecclesia*. Ele é via de escuta e discernimento da vontade de Deus, o qual se manifesta na Igreja e fora dela, por onde se há de avançar para produzir resultados eficazes de evangelização na complexidade do mundo contemporâneo. O Papa tem instaurando um processo de escuta da Igreja universal como seu particular *modus operandi*: vimo-lo acontecer antes do Sínodo sobre as famílias (2015), antes do Sínodo sobre os Jovens, a fé e o discernimento vocacional (2018) e vemo-lo ressurgir com grande força nesta convocatória do Sínodo sobre a Sinodalidade (2021—24).

2 Cf. Olga Consuelo Vélez Caro, “Laicado e Sinodalidade”, *Perspect. Teol., Belo Horizonte*, v. 54, n. 1, p. 45-65, Jan./Abr. 2022, p. 45.

3 Através do Motu Próprio *Apostolica Sollicitudo*, de 15 de setembro de 1965.

4 Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, Aula Paulo VI, 17 de outubro de 2015, p. 1. Acesso: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)

5 Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário*, p. 2.

## 1. UM CONCEITO E UMA QUALIDADE: SÍNODO, SINODALIDADE

Sínodo (*synodos*), que etimologicamente significa “caminho feito em conjunto”, tem raízes profundas para o Cristianismo<sup>6</sup> e designa o processo de vivência e seguimento de Jesus feito por toda a Igreja (*ekklesia*), assembleia resultante de um processo de convocação ou chamamento interior realizado pelo Espírito Santo. É o Espírito Santo que atrai e une cada pessoa a Cristo – o definitivo Caminho para o crente, onde pode entrar qual porta e encontrar saída (cf. Jo 10, 9) – e motiva ao seu seguimento, fazendo-a comungar do Seu mistério, vinculando-a aos outros crentes, no tempo e na história, capacitando-a para testemunhar o Reino de Deus e o seu amor. Desse modo, desde os primeiros séculos do cristianismo, como afirma a Comissão Teológica Internacional, “sínodo” é sinónimo de “assembleia eclesial convocada em vários níveis (diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal) para discernir, à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais que aos poucos se apresentam.”<sup>7</sup>

Na tradução de *synodos* para Latim, encontramos duas palavras diferentes, com raízes também diferentes – *synodos* e *concilium*<sup>8</sup> que, no entanto, têm um significado convergente.

6 No Direito Público Grego atual, *synodos* significa, em geral, algo ligeiramente diferente, a saber, a reunião, em rotatividade, de representantes ou cidadãos como um todo, para exercer poderes políticos num corpo de estados federais. Cf. Beck, Hans (Cologne) and Gerber, Simon (Kiel), “Synodos”, em *Brill’s New Pauly*, Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider, English Edition by: Christine F. Salazar, Classical Tradition volumes edited by: Manfred Landfester, English Edition by: Francis G. Gentry. Consulted online on 18 March 2023 [http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347\\_bnp\\_e1127380](http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347_bnp_e1127380) First published online: 2006 First print edition: 9789004122598, 20110510

7 Motu Próprio *Apostolica Sollicitudo*, de 15 de setembro de 1965. Acesso: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20180302\\_sinodalita\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html)

8 *Concilium* tem, em Latim, o significado comum de “assembleia convocada pela legítima autoridade”. Cf. *Ibidem*.

*Concilium* acrescenta a dimensão de convocação autorizada por uma autoridade legítima<sup>9</sup>.

A sinodalidade é, em rigor, a qualidade do que é sinodal, isto é, realizado em agregação, em processo de convocação, em interação e reciprocidade. Expressa uma dimensão existencial e relacional intrínseca ao movimento de agregação, de convocação ou comunidade que o qualifica e caracteriza interiormente.

## 2. RAÍZES DA SINODALIDADE ECLESIAL

As raízes da dimensão sinodal da Igreja e da sua sinodalidade como qualidade intrínseca e essencial encontram-se na Bíblia. No Antigo Testamento, a aceitação da Aliança constitui Israel como Povo (*qahal*) de Deus, assembleia convocada por Deus que aceita a Aliança e a Lei como via e reciprocidade perante Deus do dom recebido, se estrutura internamente em serviços distintos em função do serviço, em benefício e santificação de todos.

No Novo Testamento encontramos a mesma realidade de congregação e convocação centrada em Jesus e na sua presença de ressuscitado nos e através dos que o seguem e nele creem. Mas encontramos igualmente na Igreja nascente, desde o início, a par da consciência de ser um corpo com muitos membros (cf. 1 Cor 12, 12), uma estrutura carismática onde os dons e serviços são variados em benefício mútuo e para maior eficácia missionária.

Dimensão sinodal e dimensão hierárquica, estrutura sinodal e estrutura hierárquica existem mutuamente ordenadas desde o início da *ecclesia*. O modo como têm sido compreendidos, praticados e discernidos tem evoluído ao longo dos séculos.<sup>10</sup>

9 «Na Igreja Católica a distinção no uso das palavras “concílio” e “sínodo” é recente. Nos textos do Concílio Ecumênico Vaticano II são usadas como sinónimos que designam a assembleia conciliar. Um esclarecimento é introduzido no *Codex Iuris Canonici* da Igreja Latina (1983), em que se distingue entre Concílio particular (plenário ou provincial) e Concílio ecumênico, de um lado, Sínodo dos Bispos[8] e Sínodo diocesano, de outro. » (Comissão Teológica Internacional, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 4.)

10 Cf. Medard Kehl, “Syn-odos — O elemento estruturo-sinodal na Igreja Católica”, *Didaskalia XLV* (2015) I., 135-144.

O chamado Concílio de Jerusalém, atestado em Atos dos Apóstolos 15, mostra que os processos de escuta e consulta mútua entre os Apóstolos para discernirem juntos o caminho da Igreja nascente é um fato muito precoce na história do cristianismo. Há bastantes e relevantes dados da sua prática ao longo do primeiro milénio da sua existência. Porém, “ao longo deste primeiro milénio cresce o primado jurisdicional do bispo de Roma enquanto a prática sinodal perde sua intensidade.”<sup>11</sup>

Segundo alguns autores, contudo, “há uma acentuada mudança na prática sinodal a partir do segundo milénio do cristianismo”<sup>12</sup>, com o acontecimento do cisma do Oriente, ocorrido em 1054, que deu origem “num primeiro momento ao fortalecimento do Papado em detrimento da importância de sínodos e concílios.”<sup>13</sup>

Não sendo este texto o lugar para me deter nos pormenores da evolução das vicissitudes históricas da vivência sinodal da Igreja ao longo dos séculos, é, apesar de tudo, importante notar que a existência do cisma causado pela reforma protestante na Europa, em 1517 (que motivou a convocação do Concílio de Trento) bem como as dificuldades colocadas à fé católica e ao papel do Papa enquanto garante da verdade da fé da Igreja Universal, levantadas mais tarde pela mentalidade moderna (às quais o Catolicismo respondeu com o Concílio Vaticano I e a proclamação do dogma da Infalibilidade papal), tiveram o seu impacto neste movimento centralizador da dinâmica eclesial, fixando em Roma, nas estruturas e no seu Bispo o centro discernidor e decisional. Neste processo, afirma Pedro Neves, “o clericalismo encontrou um terreno fértil para se desenvolver, tornando-se causa de obstrução da sinodalidade”<sup>14</sup>.

11 *ibidem*

12 André Luís Boccato de Almeida; Carolina Mureb Santos, “Teologia e sinodalidade a partir do Papa Francisco. Uma reflexão teológica-moral sobre o sentido da eclesiologia do Povo de Deus em chave sinodal”, *Encontros Teológicos*. Florianópolis, v. 37, n.2 Maio-Ago 2022, p. 257.

13 Pedro Paulo Neves, “Itinerário da sinodalidade na Igreja: das origens da Igreja à volta às fontes do Vaticano II”, *Encontros Teológicos*. Florianópolis, v. 33, n. 3, set-dez 2018, 558 cit in André Luís Boccato de Almeida; Carolina Mureb Santos, “Teologia e sinodalidade a partir do Papa Francisco”, 257.

14 Pedro Paulo Neves, 2018, p. 559.

Ele permanece até hoje. O Papa Francisco tem considerado o clericalismo como o grande pecado que impede o crescimento na sinodalidade e na correta participação e valorização de todos no processo de discernimento dos caminhos e missão da Igreja<sup>15</sup>.

Foi já no séc. XX, com João XXIII — cuja atuação como Papa atualizando, abrindo e revitalizando a Igreja na sua autocompreensão e serviço face ao mundo muitos observadores consideram análoga à de Francisco — e o Concílio Vaticano II, concluído por Paulo VI, que se deu uma renovada compreensão eclesiológica e um modo mais inculturado e operativo de entender a articulação dos vários serviços e carismas de cada crente numa perspectiva marcadamente sinodal. Apesar da palavra “sinodalidade” não se encontrar nos documentos do Concílio Ecuménico Vaticano II, este trouxe uma renovação da mentalidade e uma reorganização litúrgica, pastoral, eclesiológica e pastoral, fomentando os elementos necessários para que essa mentalidade pudesse ser implantada. Elenco brevemente os aspetos da renovada eclesiologia do C. Vaticano II que sustentam,

15 “O clericalismo é um mal que afasta o povo da Igreja” (Meditação Matutina durante a celebração da missa na Capela da Casa de Santa Marta, 13 dezembro 2016. Acesso: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie\\_20161213\\_povo-descartado.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20161213_povo-descartado.html))  
“Esta atitude [o clericalismo] não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo. O clericalismo leva a uma homologação do laicado; tratando-o como «mandatário» limita as diversas iniciativas e esforços e, ousaria dizer, as audácias necessárias para poder anunciar a Boa Nova do Evangelho em todos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política. O clericalismo, longe de dar impulso aos diversos contributos e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a inteira Igreja está chamada a dar testemunho no coração dos seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus (cf. *Lumen gentium*, 9-14) e não só a poucos eleitos e iluminados.” (Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, Cardeal Marc Ouellet, 19 março de 2016. Acesso: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco\\_20160319\\_pont-comm-america-latina.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html))  
“E o clericalismo, que não é só dos clérigos, é um comportamento que diz respeito a todos nós: o clericalismo é uma perversão da Igreja”, disse o Papa Francisco aos jovens italianos reunidos no Circo Máximo, destacando a necessidade do testemunho e do sair de si mesmo: “onde não há testemunho, não há o Espírito Santo”. (Papa Francisco, *Aos jovens italianos presentes no Circo Máximo*, 13 agosto 2018. Acesso: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francisco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>)

na atualidade, o desejo do Papa Francisco de, apoiado neles, levar a Igreja do terceiro milénio mais longe na vivência sinodal, em múltiplas vertentes. Em primeiro lugar, a Igreja surge como ícone da Trindade, sendo dela “como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano” (LG 1), enraizada na comunhão interna do mistério Trinitário, vivificada pelo Espírito Santo e por Ele guiada para a verdade (cf. LG 4). É habitada pelo dinamismo do amor trinitário de tal modo que mais tarde, pode ser afirmado um novo modelo eclesiológico de Igreja como Comunhão.

Também a compreensão da Igreja como corpo de Cristo (cf. LG 7), de estrutura análoga à do Verbo encarnado, possuindo um duplo elemento divino e humano, santa mas com pecadores no seu seio, apresenta uma estrutura social e carismática que serve o Espírito de Cristo (cf. LG 8) e é o meio concreto por onde Deus se comunica a todos. Outro elemento relevante é o sacramento do batismo entendido como fonte da igualdade fundamental (quanto à dignidade e atuação) entre todos os membros da Igreja (cf. LG 32) que os torna participantes no sacerdócio comum de Cristo e corresponsáveis na missão (cf. LG 10-13. 31), através de uma comunhão e cooperação dos diferentes carismas (cf. LG 4).

Dimensão igualmente fundamental é a reafirmação da importância do sentido da fé dos crentes (*sensus fidei*) (cf. LG 12) e do consenso da fé dos crentes (*consensus fidelium universalis*) como a capacidade de discernir a verdade da fé e em comunhão com os Bispos e o Papa. Capacita à participação dos leigos no discernimento da verdade da fé, do modo como Deus se revela, conduzindo a Igreja no mundo através dos sinais dos tempos (cf. GS 4). O Povo de Deus, quando consensual no exercício do sentido da fé, não pode enganar-se “in credendo”, isto é, no ato de viver e discernimento essa fé<sup>16</sup>. Igualmente relevante é a revalorização do estado de vida laical como estado de vida vocacionado à santidade vivida no testemunho inserido nas realidades do mundo (cf. LG 34. 39-41). A valorização da dimensão colegial do

16 Francisco tem citado com regularidade esta fundamentação da LG 10 nos seus documentos: EG 119, 50 anos do Sinodo, 2015, p. 2.

episcopado, em união com o Papa e a implementação das Conferências Episcopais, foram outros elementos repensados com a nova autocompreensão eclesial. Foi assim criada a compreensão comunitária no episcopado de tal modo que, em 17 de outubro de 1965, ao terminar o Concílio Vaticano II, Paulo VI instituiu o Sínodo dos Bispos apresentando-o como “um conselho estável de Bispos para a Igreja universal, sujeito direta e imediatamente à Nossa autoridade”<sup>17</sup>, cuja função é “informar e aconselhar, podendo gozar também de poder deliberativo quando o conceda o Romano Pontífice, a quem competirá neste caso ratificar a decisão deste Sínodo.”<sup>18</sup> Um pouco mais tarde, a revisão do Código de Direito Canônico para as Igrejas de Rito Latino levaria à criação de várias instâncias de escuta, Conselhos Presbiterais, Pastorais, etc.<sup>19</sup>

### 3. O PAPA FRANCISCO E A SINODALIDADE

Que contributo tem dado o Papa Francisco para o crescimento, a implementação mais ampla e com maiores consequências eclesiais na sinodalidade? Como a entende?

Mais do que citar o Concílio Vaticano II a respeito de dinâmicas sinodais – o que faz relativamente pouco –, Francisco age. Está decidido a motivar e orientar a Igreja a fim de que esta pratique a sinodalidade e a introduza como uma dimensão existencial e quotidiana nos vários níveis eclesiais que a compõem: pequenas comunidades, paróquias, Igrejas locais em comunhão com o Bispo de Roma, Igreja Universal. Considera-a uma forma de reforçar as sinergias em todas as áreas da sua missão<sup>20</sup>. Ela tem a sua base na eclesiologia de comunhão e no “sentido da fé” (*sensus fidei*) que, em resultado do batismo recebido, faz com que cada crente seja “independentemente da própria função na Igreja e do

17 Paulo VI, *Apostolica Sollicitudo*. Motu próprio, 15 de setembro de 1965, Introdução.

18 Paulo VI, *Apostolica Sollicitudo*, II.

19 Veja-se o *Código de Direito Canônico*, 4ª edição revista e atualizada, Livro I, Parte II, Seção II. Acesso: [https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)

20 Cf. Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo*, 1.

grau de instrução da sua fé, [...] sujeito ativo de evangelização”<sup>21</sup> de tal modo que “seria inapropriado pensar num esquema de evangelização pensado por agentes qualificados quando o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações”.<sup>22</sup> É este sentido da fé que “impede uma rígida separação entre *Ecclēsia docens* [Igreja docente] e *Ecclēsia discens* [Igreja discente], já que também o Rebanho possui a sua ‘intuição’ para discernir novas estradas que o Senhor revela à sua Igreja.”<sup>23</sup>

A partir deste fundamento, compreende-se que o discernimento não é apenas e exclusivamente tarefa da estrutura hierárquica, do ministério ordenado e, em particular, do ministério episcopal unido ao bispo de Roma, mas é capacidade e dom dados à Igreja toda, como um corpo, a quem Deus se comunica e através de quem age e se manifesta. A implicação parece óbvia e direta: há que escutar a Igreja, toda a Igreja, na maior abrangência e diversidade, nos centros e nas periferias, nos visíveis e invisíveis, nos praticantes e não praticantes<sup>24</sup>. Porém, é justamente aí que se coloca o grande desafio e dificuldade: a escuta. Uma escuta que é mais do que ouvir, é uma disposição para aprender<sup>25</sup>, uma atenção enraizada no valor do outro, em quem e por quem Deus se manifesta. Escuta que é um meio para realizar o discernimento da voz e da vontade de Deus para a Igreja e o mundo nos tempos atuais. Mostrando que o seu apelo à escuta sinodal não é uma invenção sua ou dos tempos contemporâneos, Francisco cita um princípio caro à Igreja

21 Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo*.

22 Francisco, *Evangelii gaudium* [EG] 119.

23 Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo*.

24 No *Vademecum para o Sínodo sobre a Sinodalidade* de 2021-23 (agora atualizado para 2024), amplia-se grandemente este movimento de escuta introduzindo como necessário escutar não só os cristãos (batizados) mas todos aqueles que estando no mundo, participam na sua dinâmica e, na sua condição de criaturas criadas à imagem e semelhança de Deus, são também capazes de expressar os sinais da vontade de Deus e do seu Espírito. Por isso se pede a escuta de crentes de outras religiões, de não-crentes, de pessoas de todas as áreas culturais, políticas artísticas, de todas as classes sociais-económicas, de todas as sensibilidades, com particular ênfase nos que se encontram mais silenciados, menos reconhecidos, menos valorizados.

25 Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo*.

do primeiro milênio, retirada do antigo direito civil romano, que soa fresco e criativo: “*Quod omnes tangit ab omnibus tractari debet*” («O que toca a todos deve ser por todos decidido»).

A escuta é algo a realizar por todos, leigos, religiosos, ministros ordenados, em particular os Bispos. Por consequência, a palavra deve ser também dada a todos. A tarefa do discernimento será realizada por círculos de eclesialidade, inicialmente criados da forma mais descentralizada e abrangente possível. São as Igrejas locais e as comunidades nelas implantadas que têm as melhores consciência e experiência das várias realidade, complexidades e desafios que surgem e de como sentem, nelas, a voz de Deus e vislumbram caminhos a trilhar. Nos seus níveis mais deliberativos, serão sobretudo estas comunidades – já não apenas os Bispos<sup>26</sup> — a realizarem o serviço e a tarefa de acolher e interpretar o sentido da fé dos crentes, lendo-o à luz da fé da Igreja e da sua Tradição, mas abertos à novidade que o Espírito Santo imprime quando age e se comunica. Esta hermenêutica, inerente ao discernimento

26 No Sínodo dos Bispos de 2018 sobre “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, tiveram direito de voto homens religiosos, eleitos como representantes ao sínodo pela União Geral dos Superiores Gerais. No entanto, as mulheres religiosas, eleitas para participar no mesmo sínodo pela União Internacional das Superiores Gerais, não puderam votar. E fizeram saber que essa situação não era compreensível. Agora, no Sínodo dos Bispos de 2023, em carta enviada aos responsáveis das assembleias continentais da África, Ásia, Médio Oriente e Oceânia de 26 de abril de 2023, o Papa Francisco reconheceu às mulheres participantes, a vários títulos, o direito de voto. Elas votarão integradas nos 70 participantes (incluindo padres, diáconos e religiosos, religiosas e leigos que, não sendo bispo, terão direito a voto). Em 2023-23, além da subsecretária do Sínodo ser uma religiosa francesa do *Instituto A Xavier*, Nathalie Becquart, também ela e outros leigos convidados como consultores terão direito de voto. Cf. Cindy Wooden, “Jesuit, Dominican, Franciscan leaders see no reason why women shouldnt vote at synod”, *America*, 15 Oct. 2018 <https://www.americamagazine.org/faith/2018/10/15/jesuit-dominican-franciscan-leaders-see-no-reason-why-women-shouldnt-vote-synod>. Ver ainda: “Sínodo: também leigos e leigas com direito de voto”, *L’Osservatore Romano*, edição de 27 de abril de 2023, acesso em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2023-04-por-017/sinodo-tambem-leigas-e-leigos-com-direito-de-voto.html>. Esta notícia foi apresentada em conferência de imprensa, ocorrida na Sala de Imprensa do Vaticano, em 26 de abril de 2023. Cf. <https://www.vaticannews.va/en/vatican-city/news/2023-04/synod-synodality-general-assemblies-laypeople-eligible-vote.html>

sinodal, é exigente e cheia de implicações. Dá mais ênfase e relevo à estrutura sinodal da Igreja a par da estrutura hierárquica que tem tido mais importância e força ao longo dos séculos, sobretudo a partir do século IV. Ao Papa cabe fazer a escuta última de todas as instâncias de discernimento e pronunciar-se “não de acordo com as suas convicções pessoais, mas como suprema testemunha da *fides totius Ecclesiae*”<sup>27</sup>.

#### 4. A CONCEÇÃO DE SINODALIDADE QUE SURGE NA CONVOCAÇÃO E PREPARAÇÃO PARA O SÍNODO DOS BISPOS SOBRE SINODALIDADE 2021-24<sup>28</sup>

Se é verdade que a sinodalidade é dimensão constitutiva da Igreja e, portanto, de sempre, a convocação ao Sínodo sobre a própria Sinodalidade, apresenta-a agora um modo mais rico, espiritual e pastoral. “O Sínodo é um caminho de discernimento espiritual, de discernimento eclesial, que se faz na adoração, na oração, em contacto com a Palavra de Deus.”<sup>29</sup>

Assim sendo, ele apresenta-se como um processo, uma continuidade que envolve e dinamiza toda a comunidade (e o mundo), mas portador de clareza e operacionalidade. É marcado por uma trilogia de ações eclesiais: encontrar, escutar, discernir<sup>30</sup>.

O processo sinodal tem um método (encontro e diálogo), um objetivo (escutar o que Espírito está a dizer à igreja) e orienta-se para uma missão (viver o chamamento que Deus faz à Igreja por entre os atuais sinais dos tempos, servir o diálogo de Deus com a humanidade)<sup>31</sup>. Visa implementar mudanças concretas na Igreja: de mentalidade, de procedimento, de estruturas.

27 Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo*, p.3.

28 A 16 de outubro de 2022, o Papa Francisco prolongou o Sínodo sobre Sinodalidade até outubro de 2024, acrescentando-lhe uma segunda sessão plenária em outubro desse ano.

29 Francisco *Homilia na Eucaristia de abertura do Sínodo sobre Sinodalidade*, 10 outubro 2021, p 3.

30 Cf. Francisco, *Homilia na Eucaristia de abertura do Sínodo sobre Sinodalidade*, 10 outubro 2021.

31 Cf. *Vademecum*, p. 8.

A estas três dimensões acima referidas, Francisco associou ainda três atitudes cheias de densidade espiritual: Comunhão, participação e missão<sup>32</sup>, sinérgicas entre si.

Trata-se de um encontro face a outros, convictos de que o Espírito Santo nos habita e se comunica quando nos reunimos em Igreja. É um exercício de corresponsabilidade que se faz na apresentação simples a outros do que vem à consciência orante a propósito de um dado tema. É, ainda, uma escuta em discernimento para propor caminhos reais de mudanças estruturais e pastorais. Encontrar, escutar, discernir constituem-se neste processo como três notas que, em conjunto, constituem o acorde de um som eclesial novo, para o tempo atual. Podemos, sem dúvida, acrescentar-lhe mais duas notas: decisão e implementação. O sínodo está vocacionado para a ação missionária.

Quero destacar um aspeto que me surpreendeu pela positiva e a que fui particularmente sensível ao ler o “*Vademecum* para o Sínodo sobre Sinodalidade”. Trata-se da enorme insistência com que o Papa Francisco deseja trazer e incluir a todos neste encontro e escuta. Ele amplia grandemente o convite à participação no processo sinodal, afirmando que é necessário escutarmos não só os cristãos (batizados) mas todos aqueles que estando no mundo, participam na sua dinâmica e, na sua condição de criados à imagem e semelhança de Deus, são também capazes de expressar os sinais da vontade de Deus e do seu Espírito. Por isso se pede a escuta de crentes de outras religiões, de não crentes, de pessoas de todas as áreas culturais, políticas artísticas, de todas as classes sociais-económicas, de todas as sensibilidades, com particular ênfase nos que se encontram mais silenciados, menos reconhecidos, menos valorizados.

“É preciso ter especial cuidado para envolver as pessoas que possam correr o risco de serem excluídas: mulheres, deficientes, refugiados, migrantes, idosos, pessoas que vivem na pobreza, católicos que raramente ou nunca praticam a

32 Cf. *Vademecum*, p.9.

sua fé, etc. É necessário também encontrar meios criativos para envolver as crianças e os jovens.” Juntos, todos os batizados são o sujeito do *sensus fidelium*, a voz viva do Povo de Deus. Ao mesmo tempo, para participar plenamente no ato de discernimento, é importante que os batizados escutem a voz de outras pessoas do seu contexto local, incluindo pessoas que abandonaram a prática da fé, pessoas de outras tradições de fé, pessoas sem crença religiosa, etc. [...] Por esta razão, enquanto **todos os batizados** são especificamente convocados a participar no Processo Sinodal, **ninguém** – não importa a sua filiação religiosa – **deve ser excluído** de partilhar a sua perspetiva e experiências, na medida em que querem ajudar a Igreja no seu caminho sinodal de procura do que é bom e verdadeiro. Isto vale especialmente para aqueles que são mais vulneráveis ou marginalizados.”<sup>33</sup>

#### 4.1 O MÉTODO DA ESCUTA ORANTE E DISCERNIDA

Como muitos de nós tivemos oportunidade de experimentar, a vivência do processo sinodal é exigente humana e espiritualmente. O texto do *Vademecum* traz consigo uma chamada de atenção para as atitudes requeridas como condição para participar no diálogo, bem como as “armadilhas” inerentes. Das primeiras saliento três: a humildade; deixar para trás preconceitos e estereótipos; vencer o flagelo do clericalismo<sup>34</sup>. Das segundas, destaco igualmente três: ver apenas problemas”; a tentação do conflito e da divisão; ver o Sínodo como uma espécie de parlamento e confundir a sinodalidade com uma “batalha política” em que, para governar, um lado tem de derrotar o outro<sup>35</sup>.

33 Sínodo dos Bispos, “*Vademecum* para o Sínodo sobre Sinodalidade”, Cidade do Vaticano, setembro de 2021, p. 13. O ênfase do texto a negrito é nosso. Acesso à tradução portuguesa: [https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/3-Sinodo\\_2021-2023\\_Vademecum.pdf](https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/3-Sinodo_2021-2023_Vademecum.pdf)

34 Sínodo dos Bispos, “*Vademecum* para o Sínodo sobre Sinodalidade”, p. 14-15.

35 Sínodo dos Bispos, “*Vademecum* para o Sínodo sobre Sinodalidade”, p. 17.

#### 4.2 AS DIFICULDADES INERENTES

A par da alegria enorme que quase todos os participantes manifestaram e manifestam<sup>36</sup>, do enriquecimento resultante de escutar a vida e a partilha orante de outros, recordo também que, na hora de fazer as sínteses finais, foram sentidas dificuldades por parte de quem as elaborou e, ainda, por parte de quem depois as leu, nem sempre se revendo ou concordando com o que nelas estava expresso ou com a linguagem com que foi redigido o texto. Creio que o aspeto mais difícil é, justamente, este de confiar o suficiente no Espírito Santo e na sua ação nos membros da comunidade, para aceitarmos que nem tudo o que pensámos ou dissemos pode constar da uma síntese mas que nesse resumo final ficou o fruto de um discernimento. Recordo-me de algumas críticas e comentários públicos que ocorreram no nosso meio quando foi tornada pública, pela Conferência Episcopal Portuguesa, a síntese realizada a partir das sínteses das Igrejas Locais de Portugal<sup>37</sup>, em setembro 2022, críticas que motivaram um comunicado por parte do Conselho Permanente da mesma CEP<sup>38</sup>. Esta tensão entre um texto obtido em discernimento e as visões mais pessoais ou corporativas de determinados setores eclesiais não é uma coisa nova e não devemos desencorajar-nos por isso. O mesmo já acontecia nos princípios da Igreja, como testemunha Gregório de Nazianzo, Bispo de Constantinopla, final do séc. IV:

«Se houver de escrever a verdade, acontece que eu evito todo e qualquer Sínodo, porque ainda não assisti a um final feliz em nenhuma reunião, nem vi que ela tivesse encontrado uma solução para os males, em vez de os ampliar. As disputas e

36 A leitura do documento preparatório para o *Sínodo para a Sinodalidade – Documento para a Fase Continental* testemunha que esta alegria foi universal, sentida nos pequenos grupos.

37 Conferência Episcopal Portuguesa, *Sínodo 2021/23: Relatório de Portugal*. Acesso: <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/sinodo-2021-2023-relatorio-de-portugal/>

38 Conferência Episcopal Portuguesa, *Comunicado do Conselho Permanente da CEP*, Fátima, 12 de setembro de 2022. Acesso: <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-do-conselho-permanente-da-cep-2/>

as rivalidades são constantes [...], e mais do que é possível descrever com palavras [...]<sup>39</sup>

Face a este desabafo — e é apenas isso que é, tanto mais que não se deixaram de realizar sínodos nem concílios desde então —, e considerando o grande caminho que tem sido feito na compreensão e vivência da sinodalidade, contemplando a dinâmica em que participamos sob a condução do Papa Francisco, creio que temos motivos para permanecer confiantes. Face ao desabafo de Gregório de Nazianzo, os trabalhos sinodais têm corrido francamente bem!

No entanto, a confiança fundamental no Espírito Santo como santificador da Igreja e agente dos processos de discernimento eclesial não se opõe à consciência de que, por vezes, há dificuldades em conseguir que o discernimento das comunidades maioritariamente laicais seja ouvido e recebido pelos membros da hierarquia, os Bispos, cujo serviço e tarefa é o discernir a voz de Deus que lhes chega de diversas formas, quase sempre sujeitas a processos de síntese. É certamente aqui que a estrutura e composição simultaneamente sinodal e hierárquica encontram tensão e a Igreja chamada a vivê-la em conversão e discernimento. Como afirma Medard Kehl, a constituição hierárquica da Igreja é um princípio forte [...] em compensação a constituição sinodal (com exceção do Concílio Ecuménico de ocorrência muito rara) é um princípio [estrutural] assaz fraco.<sup>40</sup>

Ainda que, a partir do Concílio Vaticano II, tenha sido implementada a importante inovação de permitir a participação nos sínodos dos bispos de leigos e leigas, para além de religiosos e ministros ordenados, podendo agora participar nos sínodos em maior número, continua a haver uma presença desequilibrada, na composição da fase final do Sínodo entre o elemento hierárquico e o sinodal. A esmagadora dos membros participantes e com direito a voto são membros do Episcopado, são clérigos. Nesse sentido, como afirma M. Kehl,

39 Gregório de Nazianzo, *Ep.* 130,1-2 em Paul Gallay, *Saint Grégoire de Nazianze. Lettres*. Tome II. Belles Lettres, Paris 1967, p.19-20).

40 Medard Kehl, “Syn-odos — O elemento estruturo sinodal na Igreja Católica”, 137.

“o Concílio [Vaticano II] suscitou esperanças que, ao longo das últimas décadas, foram, muitas vezes, malogradas: e até esperanças de que o elemento sinodal, pelo menos tendencialmente, se desenvolvesse cada vez mais rumo a um princípio “mais forte”, portanto no sentido de uma relação equilibrada entre o elemento estrutural hierárquico e sinodal.”<sup>41</sup>

O exercício da sinodalidade, afirma-o Francisco em linha com a tradição da Igreja, não se identifica com os processos de tipo democrático ou parlamentar<sup>42</sup>. No entanto, extraindo todas as consequências ao pensamento eclesiológico oferecido pelo Concílio Vaticano II (e já referidas anteriormente em traços largos) e, sobretudo, à noção de corresponsabilidade, faria sentido repensar a *ratio* de participação num Sínodo, relativa a membros não pertencentes à hierarquia da Igreja que pudesse ter um impacto deliberativo no processo e não meramente consultivo.

De qualquer modo, a garantia de que o processo sinodal se cumpre nos seus fundamentos, método e objetivos, passa por assegurar que ele permanece sempre um processo espiritual, ou seja, realizado sob um clima de oração, discernimento e abertura do coração aos sinais de Deus que passam pelos outros e pelo mundo.

## 5. DIFICULDADE OU TEMORES DO PROCESSO DELIBERATIVO SINODAL

Penso que uma das dificuldade que quem não pertence à estrutura hierárquica da Igreja pode sentir nestes processos sinodais é a sensação, e por vezes mesmo realidade, de que, uma vez feito o longo processo de consulta, auscultações, audição e síntese,

41 Medard Kehl, “Syn-odos — O elemento estruturo sinodal na Igreja Católica”, 138.

42 Sínodo dos Bispos, *Alarga o espaço da tua tenda. Documento de trabalho para a fase continental*. Ver, p.10. A versão em Português pode ser descarregada em: <https://www.synod.va/en/synodal-process/the-continental-stage/resources-and-tools/documents.html>

grande parte do que foi comunicado não é – ou parecer não ser – depois tido em conta quando se atinge a discussão final ou o nível deliberativo. Pode surgir uma certa desconfiança, desânimo ou medo de que, no final, todo o discernimento anterior sirva para muito pouco no que respeita às discussões finais e mudanças esperadas.

Tal avaliação ou sentimento encontra, e é potenciado, pela atitude do clericalismo, contra a qual o Papa Francisco tem lutado insistentemente. Mas não apenas Francisco. Num artigo publicado pela revista *America Magazine*, de março de 2022, o bispo brasileiro Pedro Carlos Cipollini, da Diocese de Santo André, Brasil, dizia ao ser entrevistado:

“é o clericalismo que impede a Igreja hoje de ser missionária. Tenho grande esperança de que o sínodo sobre sinodalidade possa fazer o clericalismo colapsar. (...) O clericalismo infantiliza o laicado. (...) O clero clericalista pode consultar toda a gente mas acabarão dizendo que as pessoas [o povo] não sabem do que estão a falar [...] como se as pessoas fossem uma massa de ignorantes.”<sup>43</sup>

E o mesmo bispo acrescenta que o processo sinodal é uma jornada de diálogo autêntico e altruísta. “É sobre dizer a verdade mas também procurar a verdade juntos. O sínodo é um processo espiritual”<sup>44</sup>.

Creio que esta perceção, porventura realidade – de consultar sem verdadeiramente se deixar interpelar – só se ultrapassa com diálogo sincero, fazendo ouvir respeitosamente os sentimentos e pensamentos que vêm ao coração como sendo de Deus e acreditando que todos estão neste processo de boa fé. A oração é necessária não apenas nos níveis mais gerais, mas durante todo

43 Filipe Domingues, “Brazilian Bishop: I hope the synod will end clericalism in Church”, *America Magazine*, March, 11, 2023. Acesso: <https://www.americamagazine.org/faith/2022/03/11/clericalism-synod-synodality-brazil-bishop-pedro-carlos-cipollini-pope-francis>.

44 *Ibidem*.

o processo sinodal, particularmente nos momentos de decisão e sínteses. É sempre preciso o abandono da confiança que acredita e se entrega, tendo de confiar na ação do Espírito de Deus, sem a segurança de um resultado antecipado. Afinal, o processo sinodal, sendo eclesial e centrado no mistério de Cristo, não pode deixar de ser também pascal.

## 6. EDUCAÇÃO PARA A SINODALIDADE

Como resultado do processo vivencial a que o Papa Francisco convoca a Igreja universal, parece-me claro que, para além de uma mais ampla reflexão eclesial sobre a constituição da Igreja, das suas inter-relações e estruturas é necessário, concomitantemente, desenvolver novas dinâmicas e estratégias para uma educação para a sinodalidade.

A educação para a sinodalidade passa pelo melhor conhecimento das bases teológicas desta dimensão estrutural da Igreja, mas também por um melhor conhecimento sobre o processo de discernimento orante. Tenho a perceção, a partir da experiência de ter participado num grupo sinodal inserido numa paróquia que, de modo geral, falta formação e prática sobre oração e sobre como fazer um discernimento pessoal e comunitário à maioria de nós. É verdade que este tipo de formações não pode ser apenas teórico. Ele tem de ser suportado e amadurecido pelo hábito e prática regular de oração e discernimento, em acompanhamento espiritual, para se aprender a retirar, pela via do diálogo e escuta orante, um princípio operativo, eficiente, de aplicação nas estruturas eclesiais e na relação com o mundo. Considero, por isso, que o período temporal de mais de um ano que ainda temos durante o qual vai decorrer o sínodo para a sinodalidade, até outubro de 2024, seria uma ocasião particularmente propícia para desenvolver alguma atividade formativa, em particular na área do discernimento espiritual. Tanto na dimensão prática – eventualmente fazendo ainda chegar ao secretariado do Sínodo algum aspeto que seja importante – como na dimensão mais teológica.

## A MODO DE CONCLUSÃO

A vivência da sinodalidade é um processo, acima de tudo, de conversão e santificação da Igreja. Passa por recuperar, com surpresa, esperança e confiança, o lugar que cada um de nós tem, sejamos quem formos, como somos, não apenas no coração de Deus mas no corpo do Seu Filho que a Igreja torna presente. É um tempo de discipulado e de surpresas. Tal como Jesus disse aos discípulos também a nós nos diz: “o que buscais”? Será pela resposta daquilo que o coração de cada um verdadeiramente busca, que Deus nos falará a todos nós.

## Bibliografia

A. MAGISTÉRIO

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Sínodo 2021/23: Relatório de Portugal*. Acesso: <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/sinodo-2021-2023-relatorio-de-portugal/>

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Comunicado do Conselho Permanente da CEP*, Fátima, 12 de setembro de 2022. Acesso: <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-do-conselho-permanente-da-cep-2/>

FRANCISCO, Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, Cardeal Marc Ouellet, 19 de março 2016. Acesso: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco\\_20160319\\_pont-comm-america-latina.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html)

\_\_\_\_\_, *Discurso aos jovens italianos presentes no Circo Maximo*, 13 agosto 2018. Acesso: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francisco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>

\_\_\_\_\_, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, Aula Paulo VI, 17 de outubro de 2015. Acesso: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)

\_\_\_\_\_, *Evangelii gaudium. Exortação Apostólica*, 24 novembro 2013. Acesso: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)

\_\_\_\_\_, *Homilia na Eucaristia de abertura do Sínodo sobre Sinodalidade*, 10 outubro 2021. Acesso: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodo-vescovi.pdf>

PAULO VI, *Apostolica Sollicitudo*, Moto próprio, 15 de setembro de 1965. Acesso: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu-proprio\\_19650915\\_apostolica-sollicitudo.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html)

SÍNODO DOS BISPOS, “Vadecemum para o Sínodo sobre Sinodalidade”, Cidade do Vaticano, setembro de 2021. Acesso à tradução portuguesa: [https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/3-Sinodo\\_2021-2023\\_Vademecum.pdf](https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/3-Sinodo_2021-2023_Vademecum.pdf)

SÍNODO DOS BISPOS, *Alarga o espaço da tua tenda. Documento de trabalho para a fase continental do Sinodo 2023-24*. Ver, p.10. A versão em Português pode ser descarregada em: <https://www.synod.va/en/synodal-process/the-continental-stage/resources-and-tools/documents.html>

#### B. ESTUDOS E ARTIGOS

ALMEIDA, André Luís Boccato de; Carolina Mureb Santos, “Teologia e sinodalidade a partir do Papa Francisco. Uma reflexão teológica-moral sobre o sentido da eclesiologia do Povo de Deus em chave sinodal”, *Encontros Teológicos*. Florianópolis, v. 37, n.2 Maio-Ago 2022,

BECK, Hans (Cologne) and Gerber, Simon (Kiel), “Synodos”, em *Brill’s New Pauly*, Antiquity volumes edited by Hubert Cancik and Helmuth Schneider. English Edition by Christine F. Salazar, Classical Tradition volumes edited by: Manfred Landfester, English Edition by: Francis G. Gentry. Consulted online on 18 March 2023 [http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347\\_bnp\\_e1127380](http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347_bnp_e1127380) First published online: 2006 First print edition: 9789004122598, 20110510

CARO, Olga Consuelo Vélez, “Laicado e Sinodalidade”, *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, Jan./Abr. 2022, pp. 45-65.

CZERNY, Michael. “Uma Igreja que ‘caminha junto’. A sinodalidade no tempo do Papa Francisco”, *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, p. 67-88, Jan./Abr. 2022, pp. 67-88.

DOMINGUES, Filipe, “Brazilian Bishop: I hope the synod will end clericalism in Church”, *America*, March, 11, 2023. Acesso: <https://www.americamagazine.org/faith/2022/03/11/clericalism-synod-synodality-brazil-bishop-pedro-carlos-cipollini-pope-francis>

FAGGIOLI, M., “Sinodalidade como kairós na situação atual da Igreja e do mundo”, *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, Jan./Abr. 2022, p. 89-. DOI: 10.20911/21768757v54n1p89/2022. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4985>.

GALLEY, Paul, *Saint Grégoire de Nazianze. Lettres*. Tome II. Belles Lettres, Paris 1967.

KEHL, Medard, “Syn-odos — O elemento estruturo sinodal na Igreja Católica”, *Didaskalia XLV* (2015) I., pp.135-144.

LEGRAND, H., “Les évêques, les Églises locales et l’Église entière. Évolutions institutionnelles depuis Vatican II et chantiers actuels de recherche”, *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, Paris, v. 85, n. 3, p. 461–509, 2001. Acesso: <https://doi.org/10.3917/rspt.853.0461>

NEVES, Pedro Paulo, “Itinerário da sinodalidade na Igreja: das origens da Igreja à volta às fontes do Vaticano II”, *Encontros Teológicos*. Florianópolis, v. 33, n. 3, set-dez 2018, 558 cit in

PARANHOS, Washington da Silva e Moisés Nonato Quintela Ponte, “Sinodalidade como estilo”, *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 11-19, Jan./Abr. 2022, pp.11-19

WOODEN, Cindy, “Jesuit, Dominican, Franciscan leaders see no reason why women shouldn’t vote at synod”, *America*, 15 Oct. 2028 <https://www.americamagazine.org/faith/2018/10/15/jesuit-dominican-franciscan-leaders-see-no-reason-why-women-shouldnt-vote-synod>.

## FRANCISCO E O LUGAR DA MULHER NA IGREJA

*Frei Bento Domingues, op*

**1.** Quando escolhi abordar este tema, no âmbito do programa do ISTA sobre os 10 anos de pontificado do Papa Francisco, já não me lembrava que tinha publicado um texto, no mesmo ano (Agosto 1994) da Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, de João Paulo II (Maio 1994), questionando-a sem a nomear explicitamente. O exercício da liberdade na Igreja, durante esse pontificado, servido pelo Cardeal Ratzinger, estava suspenso.

Eis o texto de João Paulo II: «Embora a doutrina sobre a ordenação sacerdotal, que deve reservar-se somente aos homens, se mantenha na Tradição constante e universal da Igreja e seja firmemente ensinada pelo Magistério nos documentos mais recentes, todavia, actualmente, em diversos lugares continua-se a retê-la como discutível, ou atribui-se um valor meramente disciplinar à decisão da Igreja de não admitir as mulheres à ordenação sacerdotal.

Portanto, para que seja excluída qualquer dúvida em assunto da máxima importância, que pertence à própria constituição divina da Igreja, em virtude do meu ministério de confirmar os irmãos (cfr. Lc 22,32), declaro que a *Igreja não tem absolutamente a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada como definitiva por todos os fiéis da Igreja*» (n.º 4).

Sem a nomear, eis o que escrevi em 1994: «Não falta por aí quem diga – não eu – que o grande ministério das mulheres seria, ou ocupar a Igreja ou abandoná-la. Creio que há algo de novo e mais eficaz a fazer, tirando as conclusões certas da *Lumen Gentium*, n.º 10, onde se faz do sacerdócio comum a todos os baptizados, o sacerdócio próprio da vida cristã (Rm 12,1), mas também onde

acaba por ser neutralizado, ao valorizar de forma desequilibrada, o chamado “sacerdócio” ministerial, deixando na sombra o principal. É a ambiguidade inerente a fórmulas de compromisso.

Talvez haja nisto tudo uma grande confusão. No Novo Testamento (NT), o vocabulário sacerdotal nunca é aplicado aos ministérios. E chegamos ao seguinte paradoxo: àqueles a quem o NT chama sacerdotes, nós não chamamos sacerdotes; àqueles a quem o NT não chama sacerdotes, chamamos nós sacerdotes.

No NT, o único sacerdote é Jesus Cristo e todos os cristãos, na medida em que participam da sua graça sacerdotal: *Vós sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo da sua particular propriedade*, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa» (I Pd 2,9).

Os ministérios são serviços desse sacerdócio. Só nesse sentido indirecto podem ser chamados serviços sacerdotais, porque serviços prestados aos sacerdotes, aos baptizados (*Lumen Gentium*, n.º 28)»<sup>1</sup>.

**2.** Com o tempo, logo a partir do séc. II, voltou-se a utilizar, para os ministérios, o vocabulário sacerdotal do judaísmo e do paganismo que o NT procurou evitar.

Por isso, quando agora se diz que as mulheres não podem receber a ordenação sacerdotal, apetece-me dizer: ainda bem! A forma que actualmente reveste já estava a ser questionada na sua atribuição aos homens!

Sacerdote é Jesus Cristo que deu e dá a sua vida por todos. Sacerdote é o povo fiel que, pelo baptismo, entra nessa corrente vital e, durante a sua vida, assume ou esquece esse dom.

O que urge saber é o seguinte: segundo as necessidades e as possibilidades actuais, quais serão os ministérios de homens ou de mulheres mais aptos para alimentar a vida cristã como dom permanente pela salvação do mundo?

<sup>1</sup> Sobre esta questão o estudo exemplar continua a ser o de J.M.R.Tillard, O.P., *La “qualité sacerdotale” du ministère chrétien*, NRT 5 (1973) 481-514.

Tenho para mim que o facto de se estar a impedir as mulheres de serem ordenadas sacerdotes vai obrigar a repensar tudo, tendo em conta não só o passado, mas também o presente e os séculos futuros.

Não me parece muito interessante reproduzir, em feminino, modelos de animação e presidência das comunidades para a missão que já se encontram fora de prazo para os masculinos<sup>2</sup>.

**3.** Indo de encontro às declarações do Papa Francisco sobre as mulheres, verifica-se que, logo na segunda Audiência geral do seu pontificado, a 3 de Abril de 2013, destaca que *as primeiras testemunhas da ressurreição são as mulheres*, mas sem tirar a conclusão que se impunha: *são elas as apóstolas dos apóstolos*, que mais adiante analisarei como a questão-chave da intervenção das mulheres na própria nascente do Movimento cristão.

Em Novembro de 2013, no texto programático do seu pontificado, *Evangelii Gaudium*, escreve: «As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente.

«O sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão, mas pode tornar-se particularmente controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder. Não se esqueça que, quando falamos da potestade sacerdotal, “estamos na esfera da função e não na da dignidade e da santidade”. O sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza ao serviço do seu povo, mas a grande dignidade vem do Baptismo, que é acessível a todos. A configuração do sacerdote com Cristo Cabeça – isto é, como fonte principal da graça – não comporta uma exaltação que o coloque por cima dos demais. Na Igreja, as funções “não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros”» (n.º 104).

<sup>2</sup> Frei Bento Domingues, O.P., *Os ministérios das Mulheres. Algumas interrogações*, In *BÍBLICA* (série científica), II (1994) 3, 167-177

Em Novembro de 2022, o Papa deu uma entrevista à *America – The Jesuit Review*, publicada no dia 28 desse mês, em que reafirma claramente a sua oposição à ordenação das mulheres pela Igreja Católica: *a mulher não pode entrar nos ministérios porque o princípio petrino não o permite*<sup>3</sup>. Ao dizer isto, parece-me que Francisco tinha presente a declaração de João Paulo II e recebeu provocar uma cisão na Igreja.

**4.** Entretanto, a teologia feminista, de várias tendências, foi ganhando terreno a ponto de ter conseguido direitos de cidadania, na própria Comissão Pontifícia Bíblica, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, com o título *Abordagem feminista*<sup>4</sup>.

A 7 de Fevereiro de 2015, dirigindo-se ao Plenário do Dicastério da Cultura, sobre *As culturas femininas: igualdade e diferença*, o Papa declara que é tempo de as mulheres sentirem que *não são hóspedes*, mas plenamente participantes das várias esferas da vida social e eclesial. Adverte que é um desafio que não pode continuar a ser adiado. É urgente oferecer espaços às mulheres na vida da Igreja, favorecendo uma presença mais ampla e incisiva nas comunidades com maior envolvimento das mulheres nas responsabilidades pastorais.

Entre os espaços de actuação das mulheres, não esqueceu o seu papel na Teologia. Pediu à Comissão Teológica Internacional para incluir mais mulheres entre os seus membros, *porque pensam diferente dos homens e, por isso, também podem fazer uma teologia diferente*.

#### **5. A vingança do Papa Francisco**

Como lhe estava vedada a ordenação das mulheres, pela declaração de João Paulo II, vingou-se a nomear mulheres para as funções que não implicavam questões de ordem teológica e não foram poucas, que alguns acham demasiadas. Ainda que

<sup>3</sup> O princípio petrino vem do papel de São Pedro, ou do ensino da cátedra, garantindo a sua unidade externa através do primado.

<sup>4</sup> Comissão Pontifícia Bíblica, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, 1993, pp. 77-80

seja fastidioso, não posso deixar de referir explicitamente essas mulheres.

A 20 de Dezembro de 2016, o Papa Francisco nomeou, como nova directora dos Museus do Vaticano, a italiana **Barbara Jatta**, que a partir de 1 de Janeiro de 2017 se tornou a primeira mulher a ocupar este cargo.

Em 2017, Francisco nomeou duas subsecretárias para o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, **Gabriella Gambino** e **Linda Ghisoni**; a religiosa espanhola **Carmen Ros Nortes** foi nomeada como subsecretária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada, sendo a terceira mulher a exercer essa função.

A 25 de Julho de 2019, o Papa Francisco foi buscar a brasileira **Cristiane Murray** como nova vice-directora da Sala de Imprensa da Santa Sé.

A 6 de Agosto de 2020, escolheu 13 novos membros para o Conselho da Economia, sendo seis mulheres: **Charlotte Kreuter-Kirchhof**, **Eva Castillo Sanz**, **Leslie Jane Ferrar**, **Marija Kolak**, **Maria Concepción Osákar Garaicoechea**, **Ruth Maria Kelly**.

A 6 de Fevereiro de 2021, o Papa Francisco designou a irmã **Nathalie Becquart** subsecretária do Sínodo 2023-2024, tornando-a a primeira mulher a ter direito a voto no Sínodo Católico dos Bispos.

A 13 julho 2022, o Papa nomeou, pela primeira vez, três mulheres como membros do Dicastério para os Bispos, estrutura da Cúria Romana que acompanha o processo de nomeações episcopais em todo o mundo. São elas as irmãs **Raffaella Petrini**, secretária-geral do Governo do Estado da Cidade do Vaticano; **Yvonne Reungoat**, antiga superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora, e **Maria Lia Zervino**, presidente da União Mundial das Organizações de Mulheres Católicas.

A 25 de Novembro de 2022, o Papa nomeia **Raffaella Giuliani**, como secretária da Pontifícia Comissão de Arqueologia Sacra, e **Antonella Sciarrone Alibrandi**, como subsecretária do Dicastério para a Cultura e a Educação.

Para deitar água na fervura, a irmã Nathalie Becquart, especialista em eclesiologia e nomeada subsecretária-geral do Sínodo 2023-2024, disse: não basta que as mulheres ocupem posições de primeira linha no Vaticano. É o próprio mundo em crise que precisa realmente de liderança feminina.

**6.** Depois de tantas nomeações para o Vaticano, *voltemos ao testemunho dos Evangelhos.*

Não me parece muito produtivo centrar o debate na ordenação sacerdotal das mulheres, como referi logo no começo, pois o que deve ser discutido é a própria sacralização dos ministérios (serviços) na Igreja.

Como mostrou Frei José Nunes, op, a história da Igreja dá conta de uma evolução na compreensão e vivência dos ministérios, cuja chave de interpretação é a de um princípio de *clericalização* ou *sacerdotalização* dos mesmos, perdendo-se progressivamente a consciência duma evocação ministerial de toda a comunidade, evidente na Igreja das origens.

Este fenómeno é paralelo a uma autonomização dos ministros ordenados e a um processo de interpretação dos ministros e ministérios da Igreja, a nível teórico e prático, em categorias sacerdotais provenientes do Antigo Testamento<sup>5</sup>.

Temos o testemunho evangélico de que, desde o início do ministério público de Jesus, havia um grupo de mulheres, *libertas de todos os demónios*, que não só financiou espontaneamente o projecto de Jesus, como O seguiu por pura sedução até ao fim, sem perguntar o que é que ganhava com esse desprendimento<sup>6</sup>. Mais ainda, mesmo durante o tempo que os discípulos homens O abandonaram, desapontados com o que tinha acontecido, elas mantiveram-se firmes e nem aceitaram que a morte fosse o fim.

Preparam tudo para que não faltassem os rituais fúnebres do costume<sup>7</sup>, embora, na interpretação de Jesus, uma mulher, a quem

5 José Nunes, O.P., Pequenas Comunidades Cristãs, UCP e FEAA, Porto, 1991, cf. pp. 277-288

6 Lc 8, 1-3;

7 Mt. 28, 1-8; Mc 16, 1-4; Lc 24, 1-10; Jo 20, 1-2

o Evangelho de João chama Maria, já se tivesse antecipado de forma espectacular, derramando sobre Ele um caríssimo perfume de nardo puro<sup>8</sup>.

Se, no Cristianismo, se considerou sempre o acontecimento da Ressurreição como algo decisivo – *se Cristo não ressuscitou é vã a nossa fé*, dirá S. Paulo (1 Cor 15) –, de facto, esse acontecimento foi, sobretudo e em primeiro lugar, *acolhido* pelas mulheres que O tinham seguido, desde a Galileia e que nem na morte O abandonaram.

Na verdade, segundo a variedade das narrativas pascais, foram elas as *escolhidas* por Cristo para reevangelizar os discípulos, os apóstolos que, perante a morte do Mestre, tinham dispersado. Esse *movimento fundador* faz das mulheres as apóstolas dos apóstolos (crucifixão: Mt 27, 55-56; Mc 15, 40-41; Lc 23, 49; Jo 19, 25-27 // sepultamento: Mt 27, 61; Mc 15, 47; Lc 23, 55-56 // Ressurreição: Mt 28, 1-12; Mc 16, 1-11; Lc 24, 1-11; Jo 20, 1. 11-18).

Como síntese de todas as declarações do Ressuscitado, importa destacar o que Jesus diz a Madalena: «*Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, aos meus irmãos e diz-lhes: subo ao meu Pai e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus.* Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: «*Vi o Senhor*». *E contou o que Ele lhe tinha dito*». (Jo 20,16-18). Em S. Mateus (28, 10), o Ressuscitado diz às mulheres: *Não temais! Ide anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia, lá me verão.*

**7.** Quando se repete que Jesus não escolheu nenhuma mulher para o grupo dos doze, não se pode esquecer esta *ordenação* realizada pelo Ressuscitado. Admira-me que não se queira ver o que está explicitamente apresentado nos quatro Evangelhos, como acontecimento decisivo e, no meu entender, muito mais significativo do que a escolha dos doze. Trata-se do grande marco de um novo começo.

8 Mt 26, 6-13; Mc 14, 3-9; Jo 12, 1-8

Alguns teólogos parecem-me paralisados pela referida declaração da *Ordinatio Sacerdotalis*, em vez de destacarem a novidade do Evangelho da Ressurreição. A fé cristã não é um calmante da inteligência e dos afectos, mas um excitante: *Quantum potes, tantum aude*, atreve-te a atingir o máximo que pudeses<sup>9</sup>.

A Igreja existe para ser testemunha de Cristo, para evangelizar. Para isso, deve começar pela evangelização de si mesma. Se a Igreja não se evangelizar, continuará a ser uma peça de museu. Ao contrário, o que a actualiza continuamente é a evangelização de si própria. Tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo em que deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. A Igreja, que é Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos – muitos – deve ouvir sempre o anúncio das obras de Deus. Em síntese, significa que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, deve seguir o Evangelho, rezar e sentir a força do Espírito que transforma o coração<sup>10</sup>.

Para que a Igreja não se torne uma *peça de museu*, tem de cultivar uma teologia do *desassossego*, isto é, do provisório sempre em transição, nunca satisfeita com o que já foi pensado, ao longo dos séculos<sup>11</sup>.

A Igreja, *a precisar sempre de reforma*, não deve evitar a intranquilidade dos debates. É preciso libertar a palavra e encorajar o pensamento. É preciso a escuta, mas também a ousadia de dizer claramente o que se pensa<sup>12</sup>.

É sobretudo não ler o Evangelho como se fosse uma mensagem do passado. Meditamo-lo hoje para hoje e para amanhã.

**8.** Para perceber o contexto desta minha intervenção sobre o Papa Francisco e o lugar da mulher na Igreja, recomendo a leitura de *Um apelo urgente à ação no Dia Internacional das*

9 Sequência da Eucaristia da festa do Corpo de Deus, de Tomás de Aquino

10 Cf. *EN*, 15, Audiência geral do dia 22 Março 2023, [www.vatican.va](http://www.vatican.va)

11 Cf. Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*, p. 19, da edição original da Assírio & Alvim

12 Cf. Domenico Marrone, In *Settimana News*, Publicado em 21.03.2023, na Pastoral da Cultura

*Mulheres*, feito por António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas<sup>13</sup>, assim como os 10 pensamentos do Papa Francisco para o mesmo dia<sup>14</sup>.

É fundamental o confronto com o *apelo* de A. Guterres: «Em todo o mundo, o progresso dos direitos das mulheres está a desaparecer diante dos nossos olhos. Segundo as previsões mais recentes, ao ritmo atual, serão necessários mais 300 anos para alcançar a plena igualdade de género.

«Atualmente, a sucessão de várias crises, desde a Guerra na Ucrânia à emergência climática, afeta em primeiro lugar e de forma mais dura as mulheres e as meninas. E como resultado do retrocesso mundial da democracia, os direitos das mulheres sobre os seus corpos e sobre a autonomia das suas vidas estão a ser questionados e negados.

«Duas estatísticas evidenciam claramente o nosso fracasso: a cada dez minutos, uma mulher ou menina é assassinada por um membro da família ou por um parceiro íntimo.

«E a cada dois minutos, uma mulher morre durante a gravidez ou o parto. A maioria destas mortes é perfeitamente evitável.

«Neste Dia Internacional das Mulheres, temos de nos comprometer a fazer melhor. Precisamos reverter estas tendências alarmantes e apoiar as vidas e os direitos das mulheres e das meninas, em todos os lugares.

«Esta é uma das minhas principais prioridades e um pilar fundamental do trabalho das Nações Unidas em todo o mundo».

Quando a teologia não tem em conta esta realidade gritante, é porque se trata de uma teologia alienada e alienante, paralisada e paralisante.

13 *Público*, 08. 03. 2023. Ver também a Carta Aberta ao Governo sueco de representantes das mulheres abolicionistas do mundo, sobre o tráfico de seres humanos, *Público*, 30.03.2023

14 Cf. <https://www.imissio.net/papa-francisco>

## VIAGENS DO PAPA FRANCISCO

*Antônio Marujo\**

### UM MAPA-MUNDO FRANCISCANO COM AS PERIFERIAS NO CENTRO

No final de Abril de 2023, em Budapeste, o Papa teve rosas, rosas, tango e música cigana, num encontro com pessoas pobres e refugiados. Ali ouviu o testemunho de uma família que fugiu da guerra na Ucrânia e agradeceu o acolhimento de milhares de pessoas no país.

Esta foi a última das 41 viagens do Papa, que nos revelam como que uma geografia franciscana e um novo mapa-mundo, virado ao contrário. Um mapa com o mundo inteiro como paróquia, em que o avião e os lugares visitados se tornaram um púlpito de onde o Papa Francisco dirige as suas mensagens à humanidade.

O Papa Francisco já foi a uma favela do Rio de Janeiro a dizer que gostaria de entrar em todas as casas a pedir água fresca e um cafezinho; foi à ilha grega de Lesbos «implorar», numa viagem «triste», a resolução da mais «grave crise humanitária» desde a Segunda Guerra Mundial e levar consigo 12 refugiados presos nas teias dos egoísmos das burocracias europeias; sem palavras, abraçou uma criança filipina depois de ela ter feito «a única pergunta sem resposta» – ao querer saber porque permite Deus a miséria; visitou de surpresa um mosteiro budista no Sri Lanka, apelando ao diálogo entre religiões; rezou junto ao muro da Cisjordânia, que encerra os palestinianos numa prisão a céu aberto; colocou os líderes políticos israelitas e palestinianos a abraçarem-se e a plantar uma árvore pela paz entre ambos os povos; comoveu-se na Colômbia com os relatos de familiares de vítimas da guerra civil, dizendo que «todos somos vítimas, inocentes ou culpados».

## 1. UM PÚLPITO NUS

Os aviões prolongam, hoje, o púlpito do Papa, para quem o mundo inteiro se tornou uma paróquia global. Se isso se tornou verdade com João Paulo II, no sentido de ter universalizado o exercício do ministério através das viagens, isso tornou-se mais verdade ainda com Francisco: além de este Papa escutar mais – encontros pessoais, com as suas histórias e narrativas, fazem parte de muitos programas de viagens –, as conferências de imprensa que ele passou a fazer em pleno voo são uma transformação enorme. O próprio já admitiu que, enquanto arcebispo de Buenos Aires, era tímido na presença de jornalistas (embora participasse em programas televisivos). E as suas entrevistas colectivas nos voos de regresso já foram ocasião de várias declarações importantes.

Lampedusa, a ilha italiana no Mediterrâneo que foi o destino da sua primeira viagem fora do Vaticano, em Julho de 2013, ficaria o sinal de todas as que viriam depois: ali, com um púlpito feito de restos de barcos naufragados, o Papa lamentou a «globalização da indiferença» e pediu que tivéssemos o dom e a capacidade de chorar pelos refugiados que morrem a tentar sobreviver.

Com as viagens fora de Itália que se seguiram até hoje, pode já desenhar-se um planisfério franciscano. Nesse mapa voltado do avesso, o centro está nas periferias, sejam elas geográficas ou existenciais, conforme a expressão que Francisco cunhou como horizonte do seu pontificado, dias antes de ser eleito. Ao intervir nas reuniões preparatórias do conclave, o então cardeal Bergoglio, ainda arcebispo de Buenos Aires (Argentina), afirmava: «A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias, não só geográficas, mas também existenciais: as periferias do mistério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância e desprezo relativamente à religião, do pensamento e de toda a miséria».

## 2. UM MAPA SEM FRONTEIRAS

Os continentes deste mapa não mostram fronteiras nem separam povos e nações; antes são feitos da vontade de superar conflitos, do cuidado com a Criação que a toda a humanidade diz respeito, da atenção para com os mais vulneráveis (pobres, doentes, presos,

idosos, sem-abrigo, vítimas de guerras, refugiados...), do diálogo entre todas as religiões. Sempre partindo de uma outra palavra-chave do seu pontificado: a misericórdia, relação de bondade que aproxima as pessoas e constitui a fonte mais intensa da justiça.

Este planisfério de Francisco inclui já também o aviso de que «todos os muros caem»; a exigência de terra, trabalho e tecto para todos, em assembleias de movimentos populares; ou a evocação, diante do Congresso dos Estados Unidos, da memória de Luther King, defensor dos direitos civis dos negros, ou de Dorothy Day, militante católica da não-violência, jornalista e sindicalista, amiga de pobres, vadios e sem-abrigo; e a pergunta angustiada dirigida a uma União Europeia em crise profunda: «Que te sucedeu, Europa humanista, paladina dos direitos humanos, da democracia e da liberdade?»

Várias das preocupações do Papa Francisco, eleito a 13 de Março de 2013, podem perceber-se pela geografia dessas 41 viagens já realizadas, que incluíram 57 países e as sedes de três organizações internacionais (ONU; Parlamento Europeu e Conselho da Europa); desses países, podemos verificar que cerca de dois terços deles vivem conflitos graves, estão no Sul do mundo ou em zonas periféricas do xadrez político internacional.

Doze deles situam-se no Médio Oriente e Eurásia (Jordânia, Palestina, Israel, Egipto, Turquia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, Arménia, Emiratos Árabes Unidos, Bahrein e Iraque), uma das regiões mais tensas do mundo contemporâneo. Dez outros países são da América Latina (Brasil, Equador, Bolívia, Paraguai, Panamá, Colômbia, Chile, Peru, México e Cuba), outros dez de África (Quênia, Uganda, República Centro-Africana, Moçambique, Madagáscar, Ilhas Maurícias, Marrocos, Egipto, Congo e Sudão do Sul) e mais sete do Extremo Oriente asiático (Coreia do Sul, Sri Lanka, Filipinas, Myanmar, Bangladesh, Tailândia e Japão). Entre estes, há alguns muito pobres, com grandes disparidades económicas, graves índices de pobreza ou de corrupção.

Na Europa, o Papa visitou 14 países mais pequenos ou periféricos da UE, nenhum dos grandes (França, Alemanha, Reino Unido, Espanha – descontando a Itália e a Polónia), mas foi já

à cidade-mártir de Sarajevo, à capital da Albânia, um dos países mais pobres do continente, e à ilha grega de Lesbos, que recebe refugiados que a UE não quer. No quadro da Jornada Mundial da Juventude de Cracóvia (Polónia), em 2016, esteve também no campo de Auschwitz, com um «grito silencioso» perante a «abominável tragédia» do mundo. E foi às sedes do Parlamento Europeu e do Conselho da Europa, em Estrasburgo, perguntar onde estão os ideais do continente e pedir que as pessoas sejam o centro da acção política de modo a vivificar a democracia no combate à pobreza, no acolhimento dos imigrantes e refugiados e na promoção do diálogo entre culturas. E na linha do que propõe na *Fratelli tutti*, tem insistido na recusa dos populismos, opondo-se à defesa e atenção às necessidades do povo (uma distinção que podemos ler na sua origem latino-americana).

### 3. A FAMÍLIA, MAS NÃO AS REGRAS, EM PRIMEIRO LUGAR

A questão da família, que tem merecido muita atenção do Papa é outra constante das suas viagens. Foi esse o pretexto que o levou aos EUA, em Setembro de 2015, para o Encontro Mundial das Famílias, em Filadélfia, onde fez questão de prever também encontros com imigrantes, presos e pessoas sem-abrigo.

Isso significa que não se limitou às tradicionais afirmações sobre o valor da família tradicional. Pelo contrário: no centro da sua mensagem sobre a família, o Papa coloca a necessidade de, sem alterar a doutrina tradicional da Igreja, não colocar em primeiro lugar as regras, mas acolher quem vive situações difíceis como a separação e a impossibilidade de comungar na missa, a homossexualidade ou o aborto. Ficou famosa a frase «Quem sou eu para julgar?» quando o Papa se referiu aos homossexuais, no regresso do Rio de Janeiro, em Julho de 2013: «Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar?»

Também quando regressava da República Centro-Africana, em Novembro de 2015, questionado sobre a sida e os preservativos, o Papa não se coibiu de criticar a pergunta, para afirmar que «o problema é maior»: «a desnutrição, a exploração das pessoas,

o trabalho escravo, a falta de água potável: estes são os problemas. Não estejamos a questionar-nos se se pode usar este penso ou outro para uma pequena ferida. A grande ferida é a injustiça social, a injustiça ao meio ambiente, a referida injustiça da exploração e a desnutrição. Este é o problema. Não gosto de descer a reflexões de casuística, quando as pessoas morrem por falta de água e à fome, por causa do habitat... Quando todos estiverem curados ou quando deixarem de existir estas doenças trágicas que o homem provoca quer por causa da injustiça social, quer para ganhar mais dinheiro – pense-se no tráfico das armas! –, quando não houver estes problemas, creio que se poderá fazer a pergunta».

(Aliás, é interessante notar: em Março de 2009, durante o voo que o levou aos Camarões e Angola, o Papa Bento XVI falou do preservativo; embora não tenha usado o mesmo tom da afirmação de Francisco antes citada, a maior parte da comunicação social ignorou completamente grande parte do que ele disse durante a viagem sobre direitos humanos, exploração dos recursos africanos, etc. E mesmo todo o trabalho de instituições católicas de combate à sida utilizando também o preservativo foi sistematicamente ignorado.)

### 4. «VITÓRIAS» E «DERROTAS»

Os direitos humanos, a defesa da paz e da dignidade da vida são outra constante, que Francisco, como se percebe pela citação anterior, não separa da moral individual ou familiar. A mensagem é insistente, seja na Arménia ou em Lesbos, no Congresso dos EUA ou no Sri Lanka, ou em Jerusalém, diante de Shimon Peres: «Há que rejeitar, firmemente (...) o recurso à violência e ao terrorismo, qualquer género de discriminação por motivos raciais ou religiosos, a pretensão de impor o próprio ponto de vista em detrimento dos direitos alheios, o anti-semitismo...» Ou ainda na sede da ONU, a pedir «medidas imediatas» para cuidar do ambiente e lutar contra a exclusão e as suas «tristes consequências de tráfico de seres humanos, comércio de órgãos e tecidos humanos, exploração sexual de crianças, trabalho escravo, incluindo a prostituição, tráfico de drogas e de armas, terrorismo e crime internacional organizado».

Em viagens como as da Suécia (Novembro de 2016), República Centro-Africana (Novembro de 2015), Sri Lanka e Filipinas (Janeiro de 2015), Turquia (Novembro de 2014) ou Terra Santa (Maio de 2014), a defesa da paz, da liberdade religiosa e da aproximação pacífica entre crentes de diferentes religiões também foram colocadas no mapa.

Neste campo há sem dúvida duas viagens que se destacam: a dos Emiratos Árabes Unidos, em Fevereiro de 2019, e a que o levou ao Iraque, em Março de 2021. Nos Emiratos, o Papa assinou, com o Grande Imã de Al-Azhar, o xequê Ahamad al-Tayyib, o «Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da convivência comum», que podemos considerar um texto fundamental no percurso do diálogo inter-religioso iniciado nas últimas décadas. No Iraque, que podemos avaliar como uma das viagens mais importantes, o Papa deixou sementes de reconciliação entre diferentes grupos, incluindo entre correntes muçulmanas diferentes. Temos todos na memória o encontro com o ayatollah xiita Al-Sistani, em Najaf, o comovente encontro inter-religioso na planície desértica de Ur, a oração pelas vítimas da guerra em Mossul ou os emotivos encontros com a comunidade cristã em Qaraqosh e Erbil, no meio das ruínas da guerra e de igrejas destruídas.

Se podemos olhar para o Iraque ou os Emiratos como viagens com consequência positivas, também podemos falar de «derrotas» do Papa neste campo da promoção da paz ou do diálogo inter-religioso: três anos depois de Francisco ter estado na Birmânia/Myanmar em 2017, uma junta militar tomou o poder e passou a governar o país em regime de uma brutal ditadura com o apoio da China. Entre a Arménia e o Azerbaijão, que o Papa visitou em Junho e em Setembro de 2016, estalou um novo conflito em 2020, que tem muito de afirmação do poder do Azerbaijão contra a pequena Arménia; um conflito onde o petróleo, a água, a política e a religião se misturam. No Sudão do Sul e no Congo, que o Papa visitou em Fevereiro de 2023, a violência e a guerra continuam latentes e a fazer vítimas diariamente, apesar de alguns tímidos sinais de paz e reconciliação, nomeadamente no Sudão do Sul.

O Chile, em Janeiro de 2018, foi um caso a meio caminho: num primeiro momento, a imagem do Papa ficou muito abalada, por causa das suas declarações públicas sobre o bispo Juan Barros, acusado de graves encobrimentos de casos de abusos. Colocado perante as reacções da opinião pública, o Papa retrocedeu, enviou dois investigadores a analisar a situação e foi isso que marcou uma viragem decisiva no seu pontificado, em relação ao tema. Se a sua atitude já era assertiva, as palavras que usou depois na carta que entregou aos bispos chilenos, quando os chamou para reunir em Roma, meses depois, mostraram que o combate a essa praga seria, a partir daí, uma prioridade inquestionável.

Mas talvez o pior fracasso esteja em «casa»: tendo ido à Hungria no final de Abril de 2023, onde insistiu várias vezes na importância de acolher os refugiados, foi deprimente ver o primeiro-ministro húngaro a assumir de novo, apenas cinco dias depois de o Papa partir, o discurso oposto (misturando «não à migração, não ao género, não à guerra» e afirmando que a imigração ilegal destrói as comunidades nacionais e desagrega os alicerces culturais).

## 5. OS SOUVENIRS LEVADOS PARA ROMA

Noutro plano, em várias ocasiões, Francisco fez questão de se encontrar com líderes cristãos como o Patriarca ortodoxo Bartolomeu ou o Patriarca Cirilo, da Rússia (no primeiro encontro entre um Papa e o Patriarca ortodoxo de Moscovo, em mil anos de separação) – e apesar da grave clivagem que agora se vive a propósito da Ucrânia. «Não somos concorrentes, mas irmãos», diz a declaração comum assinada em Cuba, em Fevereiro de 2016.

O Papa também esteve já com vários responsáveis protestantes e evangélicos, e com rabis judeus, xequês muçulmanos e monges budistas. Na Suécia, afirmou (contra o mal-estar de alguns católicos em relação a Lutero) que o iniciador da Reforma protestante só queria renovar a Igreja do seu tempo, quando rompeu com o papado; e na República Centro-Africana foi a uma mesquita muçulmana situada num bairro cercado por milícias cristãs. A todos eles, deixa uma mensagem simples: «Rezar uns pelos outros» e «fazer coisas juntos» pelos pobres, pelos imigrantes, pelos demais

ou para enfrentar problemas, como disse no regresso a Roma, depois da viagem à Geórgia e ao Azerbaijão, em Outubro de 2016.

Francisco dá sempre presentes a quem o recebe: abraços sentidos, gestos de afecto ou gargalhadas espontâneas – como aquela em Filadélfia, quando viu a pequena bebé Quinn Madden vestida de Papa e disse aos pais que tinham um grande sentido de humor. E, como qualquer turista, também leva «souvenirs» para casa: da Suécia, tomou a «loucura» de Marguerite Barankitse, do Burundi, que arriscou a vida para salvar crianças na guerra civil entre hútus e tutsis, que dura desde 1993; em Auschwitz, escreveu o pedido de que a humanidade não volte a repetir os erros que levaram à Shoah. Mas a melhor recordação foram os desenhos que várias crianças lhe deram em Lesbos – incluindo um, representando um barco e a bandeira do Afeganistão. «Quero guardá-lo. Que não se perca, é para a minha secretária. Isto é um símbolo».

As viagens são palco deste mundo que o Papa Francisco quer guardar junto de si.

\* *Jornalista do 7Margens (setemargens.com); este texto usa material de um artigo sobre o tema publicado em 2017 na revista Up, da TAP, e está escrito segundo a anterior norma ortográfica.*

## FRANCISCO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

*Cristina Costa Gomes – CEC-FLUL / ISTA<sup>1</sup>*

*Joaquim Moreira – Igreja de Jesus Cristo  
dos Santos dos Últimos Dias*

*Fr. José Nunes, o.p. – Igreja Católica*

*Khalid Sacoor D. Jamal – Comunidade Islâmica de Lisboa*

*Para o Frei Bento Domingues, o.p., alguém que nos  
convida a viajar sempre para novas paragens e que nos  
ensina que o ser humano é essencialmente amor.*

### INTRODUÇÃO – CRISTINA COSTA GOMES

Frei Bento Domingues escrevia no *Público*, a 15 de janeiro de 2006, que “O que mais dificulta o diálogo – seja com outras Igrejas cristãs, com outras religiões ou com os sem-religião – é a ideia de que já tudo é claro no interior da própria confissão religiosa e de que só por cortesia vale a pena escutar as outras religiões ou os sem-religião.” Concluía que: “Se não entrarmos por uma linha simbólica que ajude a viajar sempre para novas paragens, ficaremos bloqueados para caminhar com os outros porque estamos parados dentro de nós.”

Foi este caminho, ao encontro de novas paragens, do outro, que se experimentou, ainda no ano de 2006, na Semana de Verão de Teologia promovida em Fátima pelo Instituto São Tomás de

<sup>1</sup> À data da realização desta conferência (3 de Junho de 2023), a autora desempenhava a função de Coordenadora do Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-Religioso (GT DIR) no Alto Comissariado para as Migrações (ACM). Actualmente, este Grupo de Trabalho encontra-se integrado na Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA).

Aquino (ISTA) e em que tive o privilégio de participar. Essa semana realizada há 17 anos tinha precisamente como título “Dialogar é Preciso”, título que expressava bem, já então, a dimensão da urgência do objecto de discussão. Para o programa *Ecclesia*, o então Presidente do ISTA, Fr. José Augusto Mourão, o.p., justificava o seu propósito com as seguintes palavras “(...) estamos pouco habituados a reflectir. Conhecemos os cultos e os ritos vagamente, mas conhecemos pouco a substância de cada religião diferente da nossa.” Acrescentava que era imperativo “consciencializar para o conhecimento. As soluções não dependem de ninguém individualmente.” Lembrava, ainda, José Augusto Mourão que a palavra era o mínimo que nos une.

E foi essa palavra, “diálogo”, que nos voltou a convocar, volvidos 17 anos, para mais um Ciclo de Conferências promovido pelo ISTA, que sob a temática “Papa Francisco. 10 anos de Pontificado” reservou, não por acaso, um momento para a reflexão partilhada sobre “Francisco e o diálogo inter-religioso”. Diria que foi mais uma etapa desse caminho que nos impede de ficarmos parados dentro de nós próprios e que nos abre a porta a outras perspectivas e à união pela via da palavra.

Não podia, pois, deixar de expressar a honra que tive em voltar a fazer esse caminho com os dominicanos no Convento de São Domingos de Lisboa, no ISTA, instituto a que tenho o privilégio de pertencer enquanto membro. Registo o meu agradecimento particular ao seu presidente, Frei Gonçalo Diniz, o.p., que me endereçou o convite para participar neste Ciclo de Conferências e nos Cadernos do ISTA com este texto. Essa honra foi redobrada porque tive o raro privilégio de encetar este caminho de união pela palavra num período<sup>2</sup> em que exercia funções como Coordenadora do Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-Religioso do ACM, que reúne treze comunidades religiosas presentes na sociedade portuguesa.<sup>3</sup>

2 Entre 1 de Fevereiro de 2022 e 31 de Agosto de 2023.

3 As treze comunidades religiosas que integram o GT DIR são as seguintes: Aliança Evangélica Portuguesa; Associação Internacional Buddhas Light de Lisboa; Comunidade Bahá'í de Portugal; Comunidade Hindu de Portugal; Comunidade

Reflectir sobre o pontificado do Papa Francisco em matéria de diálogo inter-religioso convida-nos a ouvir as diferentes comunidades religiosas na primeira pessoa e foi esse o objectivo quando foram convidados dois representantes de comunidades religiosas que integram o GT DIR, Joaquim Moreira (representante da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Portugal) e Khalid Sacoor D. Jamal (representante da Comunidade Islâmica de Lisboa) para participarem neste momento de partilha de experiências. A essa duas vezes juntou-se outra, a do Frei José Nunes, o.p., enquanto frade dominicano e membro da Igreja Católica.

Agradeço muito os testemunhos destes três oradores, que são agora reunidos neste texto. Constituiu para mim um privilégio imenso participar nesta conferência com estes três oradores pelos percursos fascinantes de vida que têm. Como lembrava José Augusto Mourão, um Amigo que continua sempre presente, “No diálogo não triunfa a dialéctica. Não é fácil chegar a acordo, que vem da palavra «coração». Mas é um caminho. Como encontrar o outro sem o confiscar? Como dialogar sem reduzir ao mesmo? (...) Não se dialoga com palavras, mas com actos – é com eles que se debate e rebate. Sentemo-nos à mesa e comecemos!”

Islâmica de Lisboa; Comunidade Ismaili de Lisboa; Comunidade Israelita de Lisboa; Igreja Católica Romana (Patriarcado de Lisboa); Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal; Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Portugal; Igreja Evangélica Católica Apostólica Lusitana (Comunhão Anglicana); União Budista Portuguesa; e União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

## INTERVENÇÃO DE JOAQUIM MOREIRA

### (IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS)<sup>4</sup>

1) Em novembro de 2014, o Presidente Eyring deu autorização ao membro do Quórum dos Doze Apóstolos, Élder L. Tom Perry, para estabelecer as bases e cultivar relações com diversas comunidades religiosas em todo o mundo. Isso resultou numa amizade e colaboração com a Igreja Católica em Roma.

Um artigo anterior, da publicação *Church News*, mencionou um discurso de Élder Gerald Caussé, no qual este falou sobre uma visita ao Vaticano, durante o seu mandato na Presidência da Área Europa, e de um encontro com o Cardeal Jean-Louis Tauran, responsável pelas relações inter-religiosas: “Descobri que ambos tínhamos nascido na mesma cidade e frequentado a mesma escola.”<sup>5</sup> Como resultado dessas trocas bilaterais, Élder Caussé acompanhou Élder Perry e o Presidente Eyring a uma conferência mundial realizada no Vaticano sobre o tema “A Complementaridade entre o Homem e a Mulher”.

2) O Presidente Nelson foi convidado para uma audiência com o Papa Francisco, no contexto da sua visita a Roma, para a dedicação do templo d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O jornal *Deseret News* editou um artigo especial sobre a viagem do Presidente Nelson a Itália, em que noticiou o seguinte:

4 Joaquim Moreira é, desde Outubro de 2020, o Diretor Nacional das Relações Igreja – Governo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – Mórmons e, como tal, o representante dessa comunidade religiosa junto do Presidente da República e do governo de Portugal, nomeadamente no GT DIR. É Mestre na área de Ciência das Religiões pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e professor de religião com formação em Teologia no Sistema Educacional da Igreja, desde Outubro de 1992. Foi o responsável pela exposição “Manuscritos do Mar Morto”, patente no Museu dos Transportes e Telecomunicações do Porto em julho de 2005, que foi organizada em colaboração com o então vice-presidente da Câmara Municipal do Porto, Dr. Paulo Morais, e com o Frei Geraldo José Amadeu Coelho Dias e o Professor Doutor Moisés Espírito Santo. No seu percurso, além de ter servido como missionário a tempo integral em Portugal, foi Embaixador da Igreja em São Paulo, de 2009 a 2012, e o responsável pela construção do Templo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Parque das Nações, entre 2017 e 2019.

5 *Church News* (23 de novembro de 2014, página 3).

“O Presidente Nelson torna-se o primeiro líder da Igreja a ter uma audiência formal com o Papa Francisco.

CIDADE DO VATICANO - Num encontro “inesquecível e histórico” no sábado com o Papa Francisco no Vaticano, o Presidente Russell M. Nelson tornou-se o primeiro líder de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a ter uma audiência formal com o líder da Igreja Católica Romana. O significado da reunião foi conhecer o Papa Francisco e Sua Santidade “conhecer-nos e descobrir que temos tantos pontos em comum”, disse o Presidente Nelson.”<sup>6</sup>

“As diferenças de doutrina são reais”, acrescentou. “Elas são importantes. Mas, não se sobrepõem às coisas que temos em comum - a nossa preocupação com o sofrimento humano, o nosso desejo e a importância da liberdade religiosa para toda a sociedade, e a importância de construir pontes de amizade em vez de construir muros de segregação.”

A reunião privada teve lugar um dia antes da dedicação do Templo da Igreja em Roma. O Papa Francisco falou principalmente em italiano. O Presidente Nelson disse que o Papa Francisco não estava apenas interessado no templo, mas também na capela, que era a sede de estaca, e no centro de visitantes na “praça do templo italiano”. Junto com o Presidente Nelson, no Vaticano, estavam o Presidente M. Russell Ballard, presidente interino do Quórum dos Doze Apóstolos; Élder Massimo De Feo, o único Setenta Autoridade Geral italiano da Igreja; e Élder Alessandro Dini Ciacci, Setenta de Área na Itália. O secretário pessoal do Presidente Nelson, Mark Woodruff, também participou da audiência.

Em pé, próximo da Cidade do Vaticano, minutos após concluir a reunião com o Papa Francisco com um abraço e depois de compartilhar uma mensagem pessoal em espanhol, o Presidente Nelson dirigiu-se aos jornalistas, enquanto olhava para um céu azul límpido:

6 *Deseret News - Church News*, artigo escrito pela jornalista Sarah Jane Weaver, 9 de março de 2019.

“A beleza deste dia não é mera coincidência”, disse ele. “Aqui estamos nós, em março, desfrutando de um dia ensolarado e quente, com todas as circunstâncias favoráveis. Acredito que nosso Pai Celestial está satisfeito.”

O Papa Francisco é um “homem maravilhoso, humilde, competente e gracioso”, disse o Presidente Nelson. “Respeito-o muito”.

“Ele foi gentil connosco”, acrescentou o Presidente Ballard. “Não poderíamos ter pedido uma experiência mais gratificante. Ficámos gratos por ele nos ter recebido.”

O Élder Dini Ciacci considerou inspirador testemunhar dois líderes religiosos mundiais a “partilharem a fraternidade”. Esse sentimento de fraternidade, amor e respeito é um exemplo para todos os que interagem com pessoas de outras religiões, afirmou ele.

Durante o encontro, os líderes da IJCSUD, apresentaram ao Papa Francisco o documento “A Família – Proclamação ao Mundo”, e um Lladro Christus. Em troca, o líder papal entregou aos líderes da Igreja “Um Documento sobre a Fraternidade Humana para a paz mundial e a convivência” (assinado em Abu Dhabi, em Fevereiro); a encíclica do Papa sobre a família; e uma medalha com a inscrição “Nada se perde com a paz. Tudo se pode perder com a guerra”. Também discutiram a importância da religião numa sociedade secularizada: “Ambos compartilhamos a convicção da importância da liberdade religiosa e da estabilidade que a fé em Deus proporciona a uma sociedade”, afirmou o Presidente Nelson. “Se tivermos uma sociedade sem Deus, estaremos navegando sem leme.”

O Élder De Feo compartilhou que o Presidente Nelson, o Presidente Ballard e o Papa Francisco “pareciam ser velhos amigos após um minuto de conversação. Havia uma atmosfera fantástica, incrível e extremamente positiva que nos encheu de confiança. Senti uma grande esperança para o futuro, pois temos muito em comum.”

Nascido em Buenos Aires, Argentina, o Papa Francisco também expressou satisfação ao descobrir que o Presidente Nelson e o Presidente Ballard tinham netos que viveram e serviram no país. Além disso, o avô do Presidente Ballard foi responsável por iniciar o trabalho d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na Argentina, em 1925.

“A conexão que o presidente estabeleceu com Sua Santidade foi algo maravilhoso”, disse o Presidente Ballard. “Eles se tornaram amigos desde as primeiras palavras.”

Ao falar sobre o devocional para jovens do templo naquela noite, o Presidente Nelson compartilhou com o Papa Francisco que “nos encontraríamos com centenas de jovens italianos” e o Papa Francisco ficou animado com a notícia. Ele disse: “Ensinem-lhes a amar seus avós.” O Presidente Ballard relatou que o Papa Francisco comparou a fé a uma árvore e encorajou os líderes Santos dos Últimos Dias a “profundamente enraizarem a crença no coração de nossas crianças”.

O Presidente Ballard também mencionou que a Igreja tem trabalhado “lado a lado” com o Departamento de “Ajuda Humanitária” da Igreja Católica na assistência em 43 países: “Temos estado ao lado deles como parceiros, empenhados em aliviar o sofrimento”, afirmou.

O Presidente Nelson expressou a sua admiração pelo Papa Francisco, ao afirmar: “O povo católico é abençoado por ter um líder tão gracioso, preocupado, amoroso e capacitado”.

No seguimento da mesma notícia, a jornalista Sarah Jane Weaver, desenvolveu um enquadramento histórico do acontecimento:

“Ao longo de décadas de tensão, foram necessários ramos de oliveira escondidos, conforme relatado por fontes de ambas as religiões entrevistadas para esta história. E foi exatamente isso que aconteceu. De facto, a reunião de hoje é o ápice de uma rede de acordos cada vez mais profundos e abrangentes entre A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos

Últimos Dias e a Igreja Católica Romana, bem como suas muitas organizações afiliadas.”

Esse relacionamento em crescimento tem-se intensificado ao longo da última década, resultando em colaborações que agora levam as duas igrejas a trabalhar lado a lado em projetos humanitários em todo o mundo.

O Monsenhor Fitzgerald e o Presidente Ballard, que esteve no Vaticano naquele sábado, mantêm uma comunicação constante e ajudam-se mutuamente. O Monsenhor Fitzgerald desenvolveu amizades semelhantes com outros profetas e apóstolos Santos dos Últimos Dias. Um ponto de mudança, no relacionamento entre ambas as instituições religiosas, ocorreu em 1980, quando toda a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos organizaram um almoço para homenagear o Bispo católico de Salt Lake City, Joseph L. Federal, que estava no processo da reforma, e deram as boas-vindas ao seu sucessor, William K. Weigand. “Era quase impensável”, disse o Monsenhor Fitzgerald.

O Bispo Weigand estabeleceu uma amizade próxima com o Élder Thomas S. Monson, que mais tarde se tornou o presidente da Igreja. O Élder Monson participou da ordenação e da despedida do Bispo Weigand. Os líderes Santos dos Últimos Dias organizaram almoços de boas-vindas para cada bispo sucessivo da Diocese de Salt Lake. À medida que se encontravam e trabalhavam juntos nas questões comunitárias, como a educação e auxílio a imigrantes e pessoas em situação de pobreza, o respeito mútuo entre as duas religiões foi-se desenvolvendo.

Há vinte anos, a Diocese de Salt Lake City solicitou ajuda ao Presidente Monson, que na época era membro da Primeira Presidência, quando alguns Santos dos Últimos Dias em Draper, Utah, se opuseram aos esforços católicos para construir uma escola e um centro da Igreja Católica numa área de 23.0671 hectares. O Presidente Monson telefonou para os presidentes de estaca e bispos locais dos Santos dos Últimos Dias e pediu que a oposição cessasse. E assim aconteceu, afirmou o Monsenhor Fitzgerald.

Vários anos depois, os líderes Santos dos Últimos Dias buscaram a ajuda da Diocese de Salt Lake quando alguns católicos se opuseram aos planos para a construção do Templo de Paris, em França. A diocese escreveu uma carta, a oposição terminou e o templo foi inaugurado em 2017:

“Esses gestos não foram divulgados na imprensa, mas são sinais que demonstram confiança”, disse Monsenhor Fitzgerald. “Estamos preocupados com o fato de os Santos dos Últimos Dias terem as instalações necessárias para o culto, e eles têm a mesma preocupação por nós.”

Não houve necessidade de intervenção para a construção do Templo de Roma, em Itália. O Bispo Caussé visitou autoridades católicas no Vaticano quatro vezes durante o processo de obtenção de licenças e construção do templo. Ele relatou que os padres católicos foram respeitosos e interessados no conhecimento do significado dos templos: “Não houve oposição ou relutância por parte da Igreja Católica ao longo de todo o processo”, disse o Bispo Caussé. “Foi uma consideração benevolente, sem encorajamento, mas também sem desencorajamento. Tivemos sempre interações muito positivas e fomos sempre muito bem recebidos.”

“Quando nos encontrávamos no Vaticano”, acrescentou, “a qualidade e a amplitude do nosso trabalho humanitário eram frequentemente mencionadas e reconhecidas.”<sup>7</sup>

A colaboração em projetos de ajuda humanitária tem sido outro ponto importante na parceria entre as duas igrejas.

<sup>7</sup> *Deseret News - Church News*, artigo escrito pela jornalista Sarah Jane Weaver, 9 de março de 2019.

## II - INTERVENÇÃO DE KHALID SACOOR D. JAMAL (COMUNIDADE ISLÂMICA DE LISBOA)<sup>8</sup>

*Estimado Frei Bento Domingues,  
Digníssimo Provincial dos Dominicanos - Fr. José Manuel  
Fernandes,  
Presidente do ISTA - Frei Gonçalo Diniz,  
Dignísimos Colegas de Painei,  
Queridos Irmãos,*

وَبَرَكَاتُهُ لِلَّهِ وَرَحْمَةً عَلَيْكُمْ السَّلَامُ

Permitam-me que comece, para aqueles que não perceberam, com esta saudação que caracteriza o cumprimento dos muçulmanos e que deseja que a Paz e a Bençãos de Deus estejam com todos Vós.

Neste dia em que evocamos o Papa Francisco e o seu enorme contributo na senda do diálogo, julgo prudente e avisado começar por uma declaração de interesses: sou um fã incondicional deste Papa. Por diversas razões, que embora não sendo necessário enumerar, fá-lo-ei mais adiante. Para já, e tendo tido o privilégio de o cumprimentar, senti imediatamente, no momento em que

8 Khalid Jamal é o representante da Comunidade Islâmica de Lisboa no GT DIR. O seu percurso académico foi desenvolvido na Universidade Católica Portuguesa e na Harvard Business School. Participou na equipa da Missão Permanente de Portugal junto das Nações Unidas, que coadjuvou na candidatura do Eng.º Guterres a Secretário-Geral das Nações Unidas, e integra a direcção da Comunidade Islâmica, do Instituto Luso-Árabe para a Cooperação e do recém-criado Observatório do Mundo Islâmico. É membro do Grémio Literário, da Sociedade de Geografia e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Integra, ainda, a Comissão “Jornalismo e tradições religiosas”, um grupo de trabalho que nasceu em Roma, coordenado pela Faculdade de Comunicação da Pontifícia Università della Santa Croce, o Centro de Estudos do Médio Oriente e a Associação ISCOM, com o propósito de promover a excelência na comunicação religiosa. Participa semanalmente no programa de rádio “E Deus criou o Mundo” na Antena 1 e recentemente foi o autor e é participante no programa “Que mundo meu Deus”, na nova grelha da TSF, programa cujo propósito é clarificar a complexa narrativa religiosa. É Embaixador da Campanha Reset, co-financiada pela União Europeia, cujo principal propósito é desconstruir a narrativa que liga o Islão ao terrorismo.

ele entrou na praça de S. Pedro, que ali ia um homem Santo. Muito embora não seja católico, portanto não lhe reconheça nem revista para mim a autoridade eclesiástica que para muitos é, quero com isto dizer que a sua humanidade extravasa, e bem, a figura incontornável que ele é, o líder espiritual e a figura máxima da Igreja Católica.

Este pontificado não tem sido fácil, marcado por um contexto adverso, mas também por uma abertura assinalável na dimensão do diálogo inter-religioso, não só no próprio diálogo em si, que encerra o enorme desafio de escutar quem nos rodeia, e quem é diferente de nós, como também num conjunto de gestos simbólicos que o incitam, tornando esta forma de estar e de ser, cada vez mais uma realidade no seio da Igreja, com impacto em todas as fés, considerando a visibilidade que tem no meio.

Arrisco, assim, considerar que para além de ter sido o primeiro Papa a visitar a península do golfo pérsico em 2000 anos, – tendo eu tido o atrevimento de escrever um artigo intitulado “O Papa das Arábias”<sup>9</sup> –, essa visita, por exemplo, permitiu que pela primeira vez na História fosse feita uma missa a céu aberto num dos países do golfo, sem receio que as pessoas por tal fossem julgadas ou criminalizadas, mas criou e consolidou uma vibrante e jamais vista relação de diálogo entre o Vaticano e o Islão, que não se confunde com o diálogo ecuménico outrora existente.

A histórica declaração de Abu Dhabi, que nos deu a percepção de estar a ser preparada em segredo, comporta um apelo aos fiéis, considerando que o dialogo significa estar juntos; mas também estatui que as religiões nos convidam a permanecer agregados às nossas raízes e aos valores de paz; por outro lado deseja resolver problemas do cristianismo (a proteção dos locais de adoração) e do islão (o terrorismo é um fenómeno causado por interpretações enviesadas dos textos sagrados) e encerra com considerações de natureza universal sobre os direitos humanos, designadamente das mulheres na educação e no trabalho.

9 Poderá ser consultado em: <https://observador.pt/opiniao/o-papa-das-arabias/>

Dito isto, é preciso não esquecer que Francisco vem resgatar na simplicidade do discurso uma boa prática já iniciada por João Paulo II – que tendo estado no Iraque havia beijado um Alcorão e que talvez tenha sido o Papa mais marcante para a esmagadora maioria dos muçulmanos – em boa hora, dado que estes estariam ainda algo ressentidos com as incompreensíveis, para estes, declarações de Bento XVI em Ratisbona.

Este Papa tem um timbre próprio e um discurso simples e universal, e próprio de um líder espiritual, fala, a meu ver, mais com o coração do que com a cabeça e tal toca-nos de um jeito muito próprio. Não nos esqueçamos que ele é o homem que sustem uma simples cruz de ferro, criando um paradigma de abstinência e de simplicidade nos adornos que geralmente o acompanham; é também o homem que se rebaixa – e ao invés de convocar o Embaixador da Federação Russa junto à Santa Sé, vai ele próprio a território russo (leia-se à Embaixada) abrir um diálogo e uma investida de paz junto deste representante; mas mais, este é o homem que beija os pés de líderes africanos, apelando à almejada paz no Sudão. Este é o Papa que nos habitou a vê-lo sair da sua zona de conforto, arriscando a sua integridade física e tendo a coragem de ir ao Iraque rezar entre os escombros, dando um enorme exemplo àquelas populações cristãs perseguidas no médio oriente.

Todas estas imagens, valem e falam mais do que 1000 palavras. A mim, que tive a honra de estar presente em Abu Dhabi, confesso que o que mais me marcou foi aquele abraço, entre o Papa e o Imam de Al Azhar, aquele gesto espontâneo e mútuo, demonstrador de um amor e de uma amizade incondicionais.

Não há verdadeiras fórmulas de sucesso neste contexto e, portanto, a metodologia comporta avanços e recuos, mas a minha experiência diz-me que existem alguns truques, que me permito partilhar:

- I - a criação de empatia é mais de meio caminho andado – pois leva a que tenhamos vontade de escutar o outro em sentido próprio, mais do que rebater as suas ideias e até que tenhamos, notem bem, a capacidade de tolerar

afirmações, que sem esta empatia seriam consideradas um império!

- II - a consciência de uma identidade própria, que também se faz por relação e comparação com a identidade e convicções do próximo, é definidora e ajuda a que descubramos quem somos, sem termos de por isso impor ou elevar o nosso tom de voz;
- III - a literacia religiosa é sempre bem-vinda e comporta a vantagem do combate à ignorância, pois creio que ainda sabemos muito pouco sobre a nossa religião e sobre a dos outros;
- IV - por último, uma aula de religião comparada seria muito útil, na medida em que conseguiríamos compreender e assimilar que o que nos une é bem mais do que o que nos diverge.

Contas feitas, creio ser indispensável o uso deste trinómio, de simples compreensão mas de difícil execução: **a liberdade** permite o **diálogo**, que por sua vez conduz ao **entendimento**.

Lembremo-nos sempre: “se não formos capazes de dialogar sobre a religião, acabaremos inevitável e lamentavelmente a guerrear por esta mesma religião”.

Bem-hajam e que o nosso Bom Deus Comum plante no coração de cada um de nós a semente da paz, do amor e da fraternidade universais.

### III - INTERVENÇÃO DE FR. JOSÉ NUNES, O.P.<sup>10</sup> (IGREJA CATÓLICA)

O Papa Francisco é continuador da perspectiva cristã-católica sobre a missão da Igreja no mundo, a qual assenta numa tripla dimensão: libertação, inculturação e diálogo inter-religioso. Veja-se, a título de exemplo, esta tripla perspectiva na *Redemptoris Missio*, do Papa J. Paulo II (1990), e na *Exortação Apostólica Verbum Domini*, do Papa Bento XVI (2010): «Encarnar o Evangelho nas culturas dos povos» (RM 52-54), «O diálogo com os irmãos de outras religiões» (RM 55-57), «Promover o desenvolvimento, educando as consciências» (RM 58-59); Terceira Parte da *Verbum Domini*: «Palavra de Deus e compromisso no mundo» (VD 99-108), «Palavra de Deus e culturas» (VD 109-116), «Palavra de Deus e diálogo interreligioso» (VD 117-120).

E quanto ao diálogo inter-religioso propriamente dito, também aqui o Papa Francisco assume as afirmações extremamente belas e ousadas do magistério, nomeadamente nos documentos *Diálogo e Missão* (do Secretariado para os não-cristãos, 1984) e *Diálogo e Anúncio* (do Conselho Pontifício para o diálogo inter-religioso, 1991). Nestes pronunciamentos do magistério católico, o diálogo inter-religioso deve viver-se, essencialmente, em três níveis: espiritual, de colaboração e doutrinal.

O Papa Francisco tem praticado o diálogo espiritual através de inúmeros encontros pessoais de amizade, diálogo e oração com membros de outras crenças, tem promovido a colaboração com todos os crentes de boa vontade em acções de defesa e promoção da dignidade humana, tem defendido que Deus não pode ser confundido, em nenhuma religião, com a violência, a morte e qualquer mundanidade. Tudo isto, de resto, é claramente

visível nas viagens que fez a Abu Dhabi, Marrocos ou República Centro Africana... tudo isto é visível nos seus escritos *Evangelii Gaudium* (nn 250-254), *Laudato Si* (nn 199-201) ou *Fratelli Tutti* (nn 272-287).

<sup>10</sup> Fr. José Nunes é frade dominicano. Foi missionário durante 9 anos em Angola e professor associado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, instituição onde exerceu a docência durante 30 anos. É doutorado em Teologia pela Universidade Pontifícia de Salamanca. As suas principais áreas de investigação têm sido a Teologia Pastoral e a Teologia da Missão, em particular a Inculturação e o Diálogo Inter-Religioso.

«CONFERÊNCIAS DE ADVENTO  
SER PARÓQUIA  
NA TRADIÇÃO DOMINICANA»  
5 DE DEZEMBRO DE 2023  
PARÓQUIA DE SÃO DOMINGOS  
DE BENFICA, LISBOA

## PAPA FRANCISCO: UMA PRAXIS DE ACOLHIMENTO

*Frei Junito Baptista, op*

### INTRODUÇÃO: UMA HISTÓRIA E UMA ANÁFORA A HISTÓRIA...

«Havia um homem que na sua oração pede ao Senhor uma coisa muito estranha: que Ele viesse a sua casa!

“Gostava que viesses a minha casa”.

*E a resposta ainda mais estranha foi. Deus diz:*

“Está bem. Amanhã irei a tua casa”.

*O homem saiu imediatamente, arrumou, dispôs, virou, iluminou, poliu a sua casa, abriu as janelas de par em par e, desde a aurora, colocou-se à entrada. Sabia lá ele quando é que Deus viria! Estava assim sentado quando, logo de manhãzinha, veio um peregrino que caminhou a noite toda, as sandálias sujas de lama, e vinha já a subir. Ele diz-lhe:*

“Alto!”

“Dá-me abrigo”.

“Não posso”.

“Mas porquê? Tens o dever de acolher um peregrino”. –

“Não posso. Hoje a minha é uma casa que Deus vai visitar”.

*E o peregrino foi bater a outro lado.*

*A meio da manhã, aproximou-se sorrateiro um miúdo que viu umas belas maçãs colocadas em cima da mesa posta e, pela janela, esticou um braço para tentar apanhar uma.*

*O homem apanha-lhe o braço com vigor, e diz-lhe:*

“Mas, então?”

“É só uma!”

“Não pode ser; estas maçãs são para o Deus que hoje me visita”.

Passaram umas horas e veio um irmão dele, de longe; um irmão que ele amava e que queria, naturalmente, ficar em sua casa, mas ele mandou-o embora, porque naquele dia estava à espera de Deus.

E, quando chegou o crepúsculo, o homem sentiu-o como o mais duro da vida, porque Deus tinha-lhe prometido uma visita e ele esteve à espera, em vão, desde a aurora! Então, ajoelha-se e, diante de Deus, chora toda a sua desilusão.

“Como é que me prometeste e não cumpriste? Porque é que disseste que me visitarias?”

Mas Deus respondeu-lhe:

“Por três vezes, hoje, tentei visitar-te e todas as vezes me disseste que não”.

À pergunta “Onde mora Deus?”, Martin Buber conta a resposta que deu um mestre sábio, que temos de ouvir: “Deus mora onde o deixamos entrar”<sup>1</sup>.

#### A ANÁFORA...

«O nosso coração e a nossa vida estão semeados de provações; no meio dos nossos temores e sofrimentos sabemos que a alegria vale mais que o choro, que o amor é mais forte que o ódio, **que o acolhimento é mais belo que a recusa,** que a justiça é mais rica que a opressão, que a comunhão é mais humana que o isolamento, que a vida é infinitamente melhor que a morte»<sup>2</sup>.

#### 1. PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO NA JMJ, EM LISBOA

O fr. Mourão afirmou, na anáfora acima, que o acolhimento é mais belo que a recusa. Esta perspectiva permite-nos olhar para

1 Tolentino Mendonça, *Nenhum caminho será longo*, ed. Paulinas, Prior Velho 2012, pp. 74-76.

2 Fr. José Augusto Mourão, *Anáforas*, ed. Convento de S. Domingos de Lisboa, Lisboa, 2010, p. 69-71

a afirmação do Papa Francisco durante as JMJ Lisboa 2023, segundo a qual é preciso **acolher todos, todos, todos**. Que quereria ele dizer com tal afirmação?

No voo de regresso para Roma Anita Hirschbeck da agência católica alemã de notícias fez ao Papa Francisco a seguinte pergunta:

Santo Padre, dizia ela, em Lisboa disse-nos que na Igreja há lugar para “todos, todos, todos”. A Igreja está aberta a todos, mas, ao mesmo tempo, nem todos têm os mesmos direitos e oportunidades, no sentido que, por exemplo, mulheres e homossexuais não podem receber todos os sacramentos. Santo Padre, como explica esta incoerência entre “Igreja aberta” e “Igreja não igual para todos”?

Eis a resposta do Santo Padre:

«A senhora faz-me uma pergunta sobre dois pontos de vista diversos: a Igreja está aberta para todos e, depois, há legislações que regulam a vida dentro da Igreja e, quem está dentro, atém-se à legislação... Aquilo que a senhora diz é uma forma muito simplista de afirmar: “ele não pode receber sacramentos.” Mas isto não significa que a Igreja seja fechada. Cada um encontra Deus pela própria estrada, dentro da Igreja; e a Igreja é mãe e guia cada um pela sua estrada. Por isso, não gosto dizer: venham todos, mas tu faz isto, tu faz aquilo... Venham todos e, depois, cada qual, na oração, em conversa íntima com Deus, no diálogo pastoral com os agentes de pastoral, procura o modo de avançar. Por isso, não é justo fazer a pergunta: “porque não os homossexuais?” São todos. O Senhor é claro: doentes e sãos, idosos e jovens, feios e bonitos, bons e maus... Parece haver uma visão que não compreende este anúncio da Igreja como mãe e concebe-a como uma espécie de “empresa”, onde tu, para entrares, tens de fazer isto, proceder desta forma e não doutra... Caso diverso é a ministerialidade na Igreja, que é o modo de conduzir o rebanho, e uma das coisas importantes na ministerialidade é acompanhar as pessoas, passo a passo, no seu caminho de amadurecimento. Cada um de nós tem esta experiência: a Igreja-mãe acompanhou-nos e acompanha-nos no próprio caminho de amadurecimento... A Igreja é mãe, acolhe

todos, e cada um percorre a sua estrada dentro da Igreja, sem fazer publicidade, e isto é muito importante»<sup>3</sup>.

Noutro momento, disse também Francisco: **«Levar juntos por diante a pastoral, todos juntos.** No texto evangélico da pesca, Jesus confia a Pedro a tarefa de fazer-se ao largo, mas depois fala no plural, dizendo “e vós lançai as redes” (Lc 5,4): Pedro guia o barco, mas todos estão no barco e todos são chamados a fazer descer as redes. Todos. E, quando apanham uma grande quantidade de peixes, não pensam que conseguiram arranjar-se sozinhos, nem gerem a dádiva como posse e propriedade privada, mas “fizeram sinal – diz o Evangelho – aos companheiros que estavam no outro barco, para que os viessem ajudar” (Lc 5,7). E, assim, encheram de peixe, não um, mas dois barcos: um significa solidão, fechamento, pretensão de autossuficiência; dois significa relação. A igreja é sinodal, é comunhão, ajuda mútua, caminho comum... Na barca da Igreja, deve haver lugar para todos: todos os baptizados **são chamados a subir para ela e lançar as redes, empenhando-se pessoalmente no anúncio do Evangelho. E não vos esqueçais desta palavra: todos, todos, todos. Quando tenho de falar sobre o modo de abrir** perspectivas apostólicas, toca-me muito aquela passagem do Evangelho em que os convidaddos se recusam a ir à festa de núpcias do filho, quando já está tudo preparado. Que diz, então, o senhor, o senhor que preparou a festa? «Saíam pelas periferias e tragam todos, todos, todos: são, doentes, crianças e adultos, bons e pecadores. Todos» (Mt 22,1-14). Que a Igreja não seja uma alfândega para seleccionar quem entra e quem não entra. Todos, cada um com a sua vida às costas, com os seus pecados, assim como é diante de Deus, como é diante da vida... Todos. Todos. Não levantemos alfândegas na Igreja. Todos. E é um grande desafio, especialmente em contextos onde os sacerdotes e os consagrados estão cansados porque, enquanto as necessidades pastorais vão aumentando sempre mais, eles são cada vez menos. Mas podemos olhar para esta situação como uma ocasião para, com fraterno

3 Papa Francisco, *JMJ Lisboa 2023. Discursos e Homilias. Todos, todos, todos!*, ed. Paulus/Paulinas, Prior Velho, 2023, p. 82-83).

entusiasmo e sã criatividade pastoral, envolver os leigos. Assim, as redes dos primeiros discípulos tornam-se uma imagem da Igreja, que é uma “rede de relações” humanas, espirituais e pastorais. Se não houver diálogo, se não houver corresponsabilidade, se não houver participação, a Igreja envelhece... Na Igreja ajudamo-nos, apoiamo-nos reciprocamente e somos chamados a difundir, também fora dela, um clima de fraternidade construtiva. Pois diz S. Pedro que nós somos as pedras vivas usadas para a construção de um edifício espiritual (cf. 1Pd 2,5)»<sup>4</sup>.

O mundo em que vivemos é cada vez mais exigente por estar cada vez mais descrentizado (Cristo parece estar para muitos longe se não mesmo inexistente). A Igreja precisa, apesar de tudo, de continuar a ser a luz do mundo. Ser luz do mundo é a razão da missão da Igreja. Essa é a razão por que Deus veio a nós, fez-se carne e habita entre nós. «Deus fez-se homem para encontrar as pessoas como “igual”. Ele não queria continuar a ser o “grande desconhecido”, mas permitir que as pessoas O vivenciassem, O tocassem e O sentissem como ser humano. E é este o sentido dos rituais: perceber Deus como aquele que não está num lugar remoto, mas que, nos momentos decisivos, protege as pessoas, as abençoa e acompanha. Contudo, isto precisa de acontecer numa linguagem e forma que consigamos entender, sentir e aceitar»<sup>5</sup>.

Daí resulta que, «o Cristianismo é uma religião cuja característica essencial é que o ser humano não precisa de se esforçar constantemente para chegar a Deus, para encontrar um caminho até Ele, para “mostrar serviço” para que Deus o aceite. Por outras palavras: o cristão não precisa de se perguntar incessantemente como pode subir até Deus ou que degraui na escada para o Céu já subiu. O Cristianismo parte da premissa de que o movimento fundamental segue a *direcção de Deus para o Homem. Foi Ele quem desceu do Céu e alcançou o ser humano. O evento decisivo é a Encarnação de Deus em Jesus. Os cristãos*

4 Papa Francisco, *JMJ Lisboa 2023. Discursos e Homilias. Todos, todos, todos!*, op cit, 19-21.

5 Zacarias Heyes, *Como encontrar Deus...e porque nem é preciso procurá-lo!*, ed. Paulus, Apelação, 2020, p. 112.

*acreditam que em Jesus o próprio Deus se tornou homem. Ele viveu entre as pessoas, deu-lhes o seu amor, a sua amizade, curou-as e instruiu-as. As pessoas que conhecem Jesus recebem uma nova esperança e força através desse encontro. Deus encontrou o ser humano no homem Jesus. O desejo de Deus é estar presente entre as pessoas, porque Ele ama os seres humanos (...) Se Deus está no meio da vida, no quotidiano e entre as pessoas, então é exactamente aí que a Igreja precisa de estar. A Igreja precisa de caminhar na direcção das pessoas e estar com elas»<sup>6</sup>.*

## 2. O ACOLHIMENTO COMO FORMA DE AMAR O OUTRO

Uma das afirmações centrais de Jesus no Novo Testamento é, provavelmente, a sua resposta à pergunta sobre o mandamento mais importante segundo o Evangelho de S. Mateus:

*Os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha feito calar os saduceus. Então reuniram-se em grupo e um deles perguntou a Jesus para o tentar: «Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?» Jesus respondeu: «Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Toda a Lei e os profetas dependem destes dois mandamentos» (Mt 22,34-40; cfr Lc 10, 25-37- A parábola do Bom samaritano).*

O mandamento do amor de que fala S. Mateus refere-se não só a Deus e a mim, e não só à minha família, mas a todos os seres humanos. Fica claro que não podemos ter simpatia por todos, muito menos sentir afecto por todos. Mas o que podemos fazer é reconhecer o outro como criatura de Deus, que tem o direito de viver neste planeta e cuja vida precisa de ser protegida.

Jesus expressa-o claramente na parábola do bom samaritano (Lc 10,25-40), na qual a pergunta essencial é: “Como é que eu me torno o próximo do outro?” Com efeito, torno-me próximo do outro quando reconheço que o outro precisa de ajuda e estou

<sup>6</sup> Zacarias Heyes, *op. cit.*, 6-7.

disposto a dar-lhe essa ajuda. E é imperativo que eu o ajude. O outro é também sempre o meu espelho, é a epifania de Deus para mim; a minha conduta em relação a ele revela sempre também algo sobre a minha conduta em relação a mim mesmo. Quando alguém nega ajuda ao outro, o que diz isso sobre a sua própria necessidade de ajuda? Aceito a ajuda de que eu mesmo necessito? Tento obter essa ajuda para mim próprio? Não é verdade que há mais alegria em dar do que em receber? O receber desinteressado é a consequência do dar desinteressado.

Trata-se aqui de uma postura solidária – em relação aos outros e a mim mesmo. É exactamente isso que Jesus expressa nas suas palavras (Mt 22,34-40): «O segundo é semelhante a este: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo» (Mt 22,39)

Eu posso ser solidário em relação a mim mesmo, o que também é um processo de aprendizagem: quando sou solidário comigo mesmo, posso ser solidário também com os outros. Quando conheço as minhas próprias necessidades, posso estar atento também às necessidades do outro. Nós não podemos resolver e alcançar tudo sozinhos. Nem todos têm todos dons e habilidades, e quando alcanço os meus limites preciso da ajuda do outro. Pois «Um cristão é nenhum cristão» como afirmava a Igreja primitiva. Só podemos ser cristãos na companhia dos outros. Jesus afirma: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20).

Quando Jesus envia os discípulos, envia-os aos pares. As pessoas podem fortalecer-se, edificar-se, encorajar-se e completar-se umas às outras.

Jesus ampliou, portanto, o mandamento do amor – ao ordenar aos seus seguidores também o amor ao inimigo. Ele tinha-lhes dito que tudo o que fizessem a um outro, e sobretudo a um necessitado, fá-lo-iam a Ele, deixando claro: Eu encontro-vos no outro. Que solidariedade radical! E que imagem de Deus tão diferente da dos judeus daquele tempo, que viam Deus como entronizado no céu, inalcançável para o ser humano e cujo nome nem podiam nomear. Jesus, por sua vez, disse: Deus transparece em cada ser

humano. Em cada ser humano, brilha o rosto de Deus. O outro é irmão, é irmã. É esta a Boa Nova!

Assim, a Igreja que se chama Igreja Povo de Deus, precisa de se abrir e estar ciente de que Deus está presente em cada ser humano, isto é, a Igreja não é apenas explicitamente a comunidade das pessoas que creem em Deus, que creem em Jesus como Filho de Deus. A Igreja acontece onde as pessoas estão reunidas, onde estão reunidas como aquelas que buscam a Deus, e ainda que não consigam definir Deus com exactidão, acreditam naquilo que é comum a todas as religiões: o amor.

Onde quer que as pessoas estejam a seguir os caminhos de Deus e do seu amor, são Igreja. O que importa é que, mesmo que as opiniões divirjam nos detalhes, a mensagem fundamental de Deus permanece intacta: Ele está presente, Ele sustenta, Ele acompanha, Ele fortalece, Ele encoraja<sup>7</sup>.

Desde sempre, o gesto do lava-pés tem uma simbologia profunda – no tempo de Jesus talvez ainda mais do que hoje. Naquela época a maioria das pessoas andava descalça, talvez de sandálias; por isso, os pés estavam sempre empoeirados e sujos. Lavar os pés significava não só lavar a sujidade mas também tocar a pessoa no seu lugar mais baixo, no lugar para o qual não gostamos de olhar. Mas na lavagem dos pés, toda a sujidade – também no sentido psíquico – é lavada. Jesus lavou os pés das pessoas repetidas vezes. Assim, Ele dá a entender que aceita as pessoas com o seu ser mais profundo, com os seus lados “sujos” e “impuros”, e presta-lhes o serviço da lavagem, do afecto e do amor.

Por isso, o acto simbólico do Papa Francisco de lavar os pés, já por várias vezes, em dia de 5ª feira Santa, a jovens reclusos, idosos, deficientes, e não apenas homens, mas também mulheres, foi muito profundo. Até então era costume fazer essa cerimónia na Basílica de São Pedro e lavar os pés aos padres. Francisco, porém, foi especialmente para as prisões e lavou os pés de prisioneiros, não de padres. Com isso, o Papa deixou claro o que significa para ele seguir Jesus: ir até às pessoas “reais” às margens da

7 cfr. Zacarias Heyes, *Idem*, p. 63-64.

sociedade – independentemente daquilo que tenham feito ou não -, para lhes devolver a sua dignidade. Por isso, uma Igreja que segue Jesus é uma Igreja que vai até às pessoas que vivem às margens – não é a Igreja da Basílica de São Pedro.

Se olharmos para o Novo Testamento, veremos que o Papa Francisco segue radicalmente a prática de Jesus, que foi o primeiro a ultrapassar as “margens” e as “linhas vermelhas”, avançando pelos territórios onde ninguém pisava, mostrando às pessoas que, independentemente das margens para as quais a vida nos leva, Deus acompanha-nos com a sua solidariedade.

Pessoas que foram marcadas como condenadas e banidas por Deus, e que por isso tinham nascido doentes aos olhos da sociedade, são transformadas em amigas de Jesus, privilegiadas por Ele como pessoas que ocupam a primeira posição aos olhos de Deus. O chamado juízo do Filho do Homem, juízo final (Mt 25,31-46) é muito claro. Muitas pessoas associam juízo a uma sentença, a uma condenação. Na verdade, significa “fazer justo”, “reerguer”. O ser humano é reinserido na ordem correcta, e a ordem é devolvida ao mundo. Quando Jesus anuncia que, no juízo, os bons serão separados dos maus, Ele quer dizer que a visão de Deus, a visão boa e justa, prevalecerá. Todos aqueles que foram injustiçados receberão justiça. E todos os que agiram de forma injusta reconhecerão a sua injustiça. Jesus cita nesse discurso algumas pessoas que, ainda hoje, são marginalizadas:

*Pois estava com fome, e destes-Me de comer; estava com sede, e destes-Me de beber; era estrangeiro, e recebestes-Me na vossa casa; estava sem roupa, e vestistes-Me; estava doente, e cuidastes de Mim; estava na prisão, e fostes visitar-Me* (Mt 25,35-36).

Ao longo do tempo, este discurso serviu como base para as chamadas obras de misericórdia. Misericórdia é a palavra que descreve de modo essencial o agir de Jesus e, portanto, o agir de Deus. A palavra hebraica para designar misericórdia é *Rachamim*, e é da família da palavra utilizada para “útero”. Portanto, a misericórdia designa as qualidades de uma mãe aplicadas ao bebé que está no seu ventre: *calor, abrigo, protecção, cuidado*. Misericórdia

significa, portanto, a *atenção e o cuidado incondicionais de Deus em relação ao ser humano*. A miseriórdia de Deus é sempre muito maior do que todas as falhas, toda a fraqueza, toda a autocondenação, todos os complexos de inferioridade. Além da nossa vulnerabilidade, podemos visitar também a nossa imperfeição, abraçá-la e aceitá-la. Todos os santos têm um passado, e todos os pecadores têm um futuro. Ninguém é só pecador, e ninguém é apenas santo<sup>8</sup>.

Daqui resulta que os cristãos e a Igreja são chamados a serem contemporâneos das pessoas de hoje, para partilharem a sua vida, para estarem ao lado delas, assim como fez Jesus. Onde quer que as pessoas conversem, partilhem as suas alegrias, esperanças, tristezas e medos, onde quer que se abra uma fenda e Deus se torne palpável, é lá que ocorre a Igreja como comunhão das pessoas que esperam e amam<sup>9</sup>.

Diz o teólogo pastoral Rainer Bucher: «Uma Igreja que não se expõe ao mundo deste tempo, que permanece na segurança de espaços e certezas aparentemente invioláveis, não faz jus à sua tarefa. A sua tarefa exige um certo risco: o seu lugar é o mar aberto da autoentrega»<sup>10</sup>.

Com efeito, se a Igreja deseja ter alguma relevância para as pessoas de hoje, precisa de se envolver com aquilo que está a acontecer na vida delas. Precisa também de se entregar a processos de mudança, ao fluxo dos padrões de vida da existência social, e não tentar de forma desesperada e reaccionária proteger aquilo que não pode ser preservado... Pois é bem possível que se abrimos os nossos olhos, façamos a grande descoberta de que Deus está presente sob as condições das pessoas de hoje. Por isso, é preciso confiar. Confiar o ontem à misericórdia de Deus, o amanhã à sua providência divina, enquanto nós vivemos no hoje, no qual Deus abraça-nos através da realidade. Pois nós só podemos encontrar Deus neste mundo, nesta nossa vida, no tempo e nas circunstâncias

8 cfr. Zacarias Heyes, *Idem*, p. 72-73.90.

9 cfr. Zacarias Heyes, *Idem*, p.102.

10 Citado por Zacarias Heyes, *Idem*, p.103.

em que vivemos. Na realidade como ela é, não como gostaríamos que fosse. Isto é de tal maneira válido que os cristãos não precisam de defender nada, mas precisam de ser algo, de ser credíveis. Os cristãos devem abrir espaços para a presença de Deus no meio do mundo, na realidade e no presente<sup>11</sup>.

Miseriórdia ou **acolhimento misericordioso** poderia ser o lema do pontificado do Papa Francisco. Ele quer ir ao encontro das pessoas, edificar o indivíduo e fortalecê-lo, assim como Jesus o fez – qual rosto da Misericórdia do Pai (*Misericordiae vultus*). Francisco deixou claro em várias ocasiões que ele, como Papa, não precisa de decidir tudo com base no Magistério. A consciência das pessoas e a responsabilidade pessoal na fé ainda valem mais do que o Magistério. E é também válido que a lei existe para o homem, e não o contrário. A lei é o amor que se volta misericordiosamente para aquele que dela necessita.

O que caracterizava a praxis de Jesus era o Seu aceitar das pessoas como elas eram, demonstrando-lhes amor e proximidade (lembramos, por exemplo, Zaqueu ou a mulher adúltera).

Zacarias Heyes lembra que alguém notabilizou a expressão “coragem para o fragmento”. Na presença de Deus, nem tudo precisa de ser perfeito. Podem existir rupturas, situações dolorosas, desvios, erros. Nas suas parábolas e nos seus encontros, Jesus derrama a sua misericórdia para os feridos, os enfermos, os perdidos. Pois, onde as pessoas veem apenas coisas partidas, os cacos da sua vida, Deus reconhece também a perspectiva para um novo futuro, para uma “ressurreição”<sup>12</sup>.

Tornar bela a vida das pessoas, vê-la ressuscitada, é sem dúvida a missão e a essência da Igreja, isto é, «ser um sinal eficaz da unidade à qual toda a Humanidade é convocada, ser um instrumento de reconciliação e de cura das feridas do nosso mundo comum. Lutamos pela unidade não para tornar o Cristianismo mais poderoso e influente neste mundo, mas para torná-lo mais credível: “para que o mundo possa crer.” Devemos comunicar a mensagem

11 cfr. Zacarias Heyes, *Idem*, p.115-116.

12 cfr. Zacarias Heyes, *Idem*, p.117-118.

que nos foi confiada de uma forma credível, inteligível e convincente. As tensões entre cristãos minam essa credibilidade»<sup>13</sup>.

É, portanto, urgente responder a Jesus que está à nossa porta e bate. Com efeito, diz o Papa Francisco, **«hoje, Jesus bate do outro lado, de dentro da Igreja – Ele quer sair e devemos segui-lo. Ele quer chegar, antes de tudo, a todos os marginalizados, aos marginalizados da sociedade e da Igreja, aos pobres, aos explorados. Ele vai onde as pessoas estão em sofrimento. A Igreja deve ser um hospital de campanha, onde as feridas – físicas, sociais, psicológicas e espirituais – são tratadas e curadas»**<sup>14</sup>.

#### CONCLUSÃO

Certo dia, conta Tomás Halík, «o rabi Pinchas colocou aos seus alunos uma pergunta aparentemente simples, sobre quando termina a noite e começa o dia. “É quando há luz suficiente para distinguir um cão de uma ovelha”, sugeriu um deles. “É quando podemos distinguir uma amoreira de uma figueira”, argumentou outro. “É no momento – respondeu o rabi Pinchas –, em que se consegue reconhecer o nosso irmão no rosto de qualquer ser humano. Se não conseguirmos fazê-lo, é noite ainda.”

Olhando para a história do rabi Pinchas chegamos facilmente a conclusão de que, em partes do nosso mundo, em partes das nossas comunidades de fé e das nossas Igrejas, em partes dos nossos corações, é noite ainda; reina a escuridão do preconceito, do medo, do ódio, da vingança.

**É noite ainda. Mas, como pode a humanidade, passar de noite para o dia? No nosso tempo, temos um passo importante a dar,** aqui e agora: reconhecer e admitir – com todas as suas implicações – que todas as pessoas são nossas irmãs, que têm direitos iguais ao reconhecimento da sua dignidade,

13 Tomás Halík, *No limiar de uma Nova Reforma do Cristianismo*, ed. Paulinas, 2023, p.8

14 Citado por Tomás Halík, *No limiar de uma Nova Reforma do Cristianismo*, op. cit., 15.

à nossa aceitação no respeito, no amor e na solidariedade. Pois a nossa esperança reside no facto de o Espírito de Deus estar continuamente a unir a Humanidade num só Corpo. Sejam testemunhas de uma fé que desperta continuamente a esperança através do amor. Sejam testemunhas da contínua ressurreição daquele que é o Doador da Esperança»<sup>15</sup>.

15 Tomás Halík, *No limiar de uma Nova Reforma do Cristianismo*, op. cit., 30-31.

## RECENSÃO

### A TEOLOGIA FACE AOS DESAFIOS DE ÁFRICA HOJE

COORDENAÇÃO:

FR. JOSÉ NUNES, OP E FR. JOSÉ PAULO, OP

EDIÇÃO: ORDEM DE SÃO DOMINGOS EM PORTUGAL  
& ARQUIDIOCESE DE LUANDA, FÁTIMA 2022

Fr. José Nunes, op

Em Fevereiro de 2017, realizou-se em Luanda, Angola, a Semana Teológica Internacional de Luanda. Foi um evento de extraordinária magnitude, de iniciativa da Arquidiocese de Luanda, na pessoa do seu Arcebispo – D. Filomeno Vieira Dias – e com organização e logística dos frades da Ordem dos Pregadores, vulgo dominicanos.

Provavelmente, nada de tão importante se registou, neste género de iniciativa, na África sub-saariana, desde o famoso Colloque d'Accra (Gana), em Dezembro de 1977: «La théologie africaine s'interroge: libération ou adaptation?».

Nesta bela reunião participaram cerca de 300 pessoas, oriundas de todo o país de Angola: bispos, padres, religiosas, seminaristas, leigos, membros de várias confissões cristãs. O local da sua realização foi o Convento de São Tomás de Aquino, dos dominicanos, em Luanda.

Como conferencistas, tivemos teólogos de nomeada, tanto do continente africano como de outros lugares: os africanos Bénézet Bujo ou Jerónimo Kahinga, Léocadie Billy ou Jesse Mugambi, J.Chimbinda ou Lucie Kayandandakasi, e os nossos mais conhecidos europeus Thomas Halik ou Bento Domingues,

Hervé Legrand ou Eloi Bueno, José Nunes ou André Torres Queiruga. Aqui apresentamos as suas comunicações (um ou outro acabou por não entregar o seu texto), ainda que com bastante atraso face à data do próprio evento, o que se explica, em parte, pela demora na entrega de alguns materiais, pelas traduções que julgámos necessárias (para uma maior abrangência de leitores) e ainda, certamente, pela situação criada pela irrupção da tremenda pandemia que a tudo e todos afectou.

Os temas abordados nas conferências resultaram de uma grande liberdade de escolha dos seus autores, mesmo se tivesse havido um pedido orientador por parte dos organizadores. Optámos, na publicação destas Actas, por agrupá-las em três grandes áreas: a teologia africana diante de temáticas universais, a teologia africana e a proposta da inculturação, a teologia africana em perspectiva contextual. Por aqui se vê que houve uma grande preocupação em pensar a África de hoje a partir de uma séria reflexão teológica, mas também em diálogo com a Igreja e o mundo de todos os continentes. A África, de facto, não pode ficar à margem do processo universal de busca da verdade. Como muito bem notou Eloi Messie Metogo, importante teólogo camaronês: «No diálogo e na crítica construtiva, é altamente desejável que os africanos se especializem no estudo da cultura ocidental, e que os ocidentais continuem a estudar a cultura africana» (Afrique et parole, Lettre 13/1986, 1-3).

Estamos certos de que a STIL merece ser conhecida por todos e pede, sem dúvida, algum tipo de continuidade.